

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PATRÍCIA MAFRA DE AMORIM

PROBLEMÁTICA DA MONOGAMIA:

Investigações psicanalíticas acerca da instituição monogâmica em Freud e
Horney

Belo Horizonte, Minas Gerais

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROBLEMÁTICA DA MONOGAMIA:

Investigações psicanalíticas acerca da instituição monogâmica em Freud e Horney

PATRÍCIA MAFRA DE AMORIM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Estudos Psicanalíticos

Prof. Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo

Belo Horizonte, Minas Gerais

2016

150
A524p
2016

Amorim, Patrícia Mafra de

Problemática da monogamia [manuscrito]:
investigações psicanalíticas acerca da instituição
monogâmica em Freud e Horney / Patrícia Mafra de
Amorim. - 2016.

62 f. : il.

Orientador: Fábio Roberto Belo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Relações monogâmicas -
Teses. 3. Freud, Sigmund, 1856-1939. 4. Horney,
Karen, 1885-1952. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Nome: Amorim, Patrícia M.

Título: Problemática da Monogamia: investigações psicanalíticas acerca da instituição monogâmica em Freud e Horney.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 19 de outubro de 2016.

Banca examinadora

Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo – Orientador

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Assinatura: _____

Prof^ª. Dr^ª. Camila Peixoto Farias

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Terezinha por me apoiar independente das minhas escolhas.

Ao meu pai, Ricardo, pelo exemplo de comprometimento e dedicação ao trabalho.

Ao meu irmão, Felipe, pelas risadas em momentos inadequados.

À minha irmã, Paula, por ser presença sempre, mesmo distante.

Às minhas avós, tias, tios, primas e primos por sempre terem acreditado e me incentivado a buscar o que eu desejava.

Ao meu orientador, Fábio, que foi mais do que um orientador, agradeço o apoio, a confiança e o zelo comigo e com meu trabalho. Obrigada por ter me ensinado “o prazer da escrita”.

Axs colegas de mestrado, Julie e Dan, principalmente, pelas trocas e discussões que fizeram esse percurso muito mais interessante e envolvente.

Axs colegas do HEAL, Alline, Wal, Pedro e Gui, que me ajudaram nesse caminho, objetiva e subjetivamente.

Axs amigxs da FAFICH, que têm grande peso no que eu posso chamar de “minha identidade” hoje.

Às minhas amigas de longe, Anne e Paty, por me provarem que existem coisas não tão transitórias assim.

Às minhas amigas de perto, Lu, Nati e Nina, que me ajudaram a segurar inúmeras barras.

Ao Felipe, por nossas conversas se fazerem presentes em cada página deste trabalho.

Ao time que montamos, Lucas, Diego e Yuri – não me refiro a vocês como família por termos descoberto com esse trabalho que não é isso o que desejamos – pelos momentos inesquecíveis que passamos juntos nesse último ano.

Ao Bruno, por me entender e me ajudar a fechar *gestalts*.

Sumário

AGRADECIMENTOS	4
1. APRESENTAÇÃO	6
2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	10
3. CAPÍTULO II - A MONOGAMIA NA OBRA DE FREUD	13
4. CAPÍTULO III – A MONOGAMIA EM KAREN HORNEY	35
5. CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

APRESENTAÇÃO

“Monogamia: Regra, costume ou prática socialmente regulamentada segundo a qual uma pessoa (homem ou mulher) não pode ter mais de um cônjuge. [Opõe-se à poligamia. Cf. Poliandria, poliginia]” (Ferreira, 2004, p. 1354).

A monogamia pode assim ser definida sem margens para mal-entendidos, enganos ou múltiplas interpretações. No entanto, sendo este um estudo psicanalítico sobre a monogamia, e suas problemáticas, buscaremos expor as origens sociológicas e psicológicas, bem como algumas das consequências de sua hegemonia na sociedade ocidental, partindo do método laplancheano, na tentativa, não de definir ou encerrar o tema, mas de fazer “ranger” as estruturas (Laplanche, 1993, p. 2) da teoria, a fim de chegarmos a novos entendimentos sobre o assunto.

Para cumprir esse objetivo, optamos por apresentar dois artigos ao programa: o primeiro dedicado à revisão do tema em seus primórdios na psicanálise, na obra de Freud, a partir da metodologia da clínica psicanalítica, problematizando a forma como o tema da monogamia aparece na obra do autor; enquanto o segundo artigo apresenta-se como uma das vertentes pela qual o tema se desenvolveu dentro da história da psicanálise, na obra de Karen Horney, partindo de seu entendimento culturalista da constituição do psiquismo.

A escolha de Freud e Horney se deu por questões de cunho metodológico, já que, como o título da dissertação sugere, tentaremos através de uma “ortodoxia freudiana” (Laplanche, 1992b, p. 37), como diria Laplanche, observar como o tema da monogamia é abordado, seja como elemento explícito ou implícito, na obra do pai da psicanálise e da psicanalista alemã, colocando no mesmo plano o *insignificante* e o que é constantemente repetido (Laplanche, 1978), para que fiquem claras a quais funções, ou desejos inconscientes, a instituição monogâmica serviu nas obras dos referidos autores.

Entendemos que é importante retomar a obra de Freud como ponto de partida para analisar como o tema da monogamia, e questões associadas a ele, se originaram dentro das elaborações psicanalíticas, para então verificarmos algumas consequências dessas abordagens iniciais no desenvolvimento das teorizações sobre o assunto. Karen Horney apresenta em sua obra reflexões importantes sobre a monogamia e assuntos relacionados a ela (Horney, 1926, 1927, 1932). No entanto, como mostraremos no segundo artigo, suas argumentações confrontavam muitas vezes as primeiras elaborações freudianas, o que supomos, juntamente com o fato de ser uma mulher em meio a uma prática majoritariamente masculina, levou ao recalçamento de suas contribuições na história da psicanálise.

Sendo a teoria um produto da subjetividade, o que viabiliza sua interpretação, partiremos da concepção que o texto tem um conteúdo manifesto e um conteúdo latente (Laplanche, 1978) e buscaremos explicitar estes conteúdos na obra de Freud e Horney. Dessa forma, nos propomos a colocar o arranjo monogâmico como objeto central de análise, tirando-o do lugar naturalizado ao que é comumente designado, investigando sob quais nuances ele aparece em meio às teorizações psicanalíticas, seja como detalhe ou tema principal. Obviamente este trabalho não encerrará ou abordará de forma completa todo o tema na obra de Freud ou Horney, não apenas pela extensão do objeto em questão, mas também por considerarmos a impossibilidade da apreensão total do mesmo.

Concebemos, dessa forma, que a monogamia não é, de forma alguma, um arranjo natural, assim como seu contraditório, a poligamia também não o é, tendo-se em conta que “na sexualidade humana o instinto, força vital, se desqualifica e se perde na pulsão” (Laplanche, 1985, p. 128). Dessa forma, percebe-se que a monogamia, enquanto arranjo, funciona como obstáculo para a satisfação imediata da pulsão e é utilizada pelos sujeitos de forma essencialmente singular, devendo ser transcendida tanto em sua dimensão sociológica, quanto psicológica. Assim sendo, buscamos ampliar o campo da interpretação, inclusive as

interpretações dos fenômenos sociais, levando em consideração o caráter disruptivo, demoníaco típico da pulsão sexual de morte, da mesma forma que as saídas defensivas dos sujeitos para essa pulsão.

A pressuposição da monogamia como arranjo mais desejável, organizaria, portanto, os caminhos da pulsão, visando recalcar suas manifestações. Podemos dizer que, tomada dessa forma, esta instituição seria um objeto clivado, reconhecido apenas em sua dimensão de apaziguamento. Enquanto que, interpretações que estariam no sentido da apreensão do objeto total, seriam aquelas que levam em conta a bissexualidade, as pulsões parciais, a pulsão sexual de morte, que desfaz elos, que é avessa a qualquer pré-arranjo para as manifestações da sexualidade e que, de acordo com Laplanche (1992b),

dá a imagem mais próxima do que chamamos de processo primário no id, ou seja, o deslocamento compulsivo e indefinido, ao longo de cadeias de associação entre ‘objetos’ reduzidos a seu aspecto significante, e visando a descarga pelos meios mais curtos, sem consideração pela sobrevivência do objeto (p. 213).

Tendo em vista o nível da exigência, proposto por Laplanche (1978), que se situa a uma certa distância do conteúdo manifesto da obra, desconfiando de qualquer intervenção egoica no contexto da doutrina, buscamos ater-nos à interpretação psicanalítica do objeto em questão, reconhecendo, como Freud e Horney o fazem em determinados momentos, a dimensão pulsional da monogamia, que não deve ser considerada como uma saída melhor que qualquer outra. As culturas em que a poligamia e outras formas de relacionamento prevalecem auxiliam na comprovação desta tese. Talvez seja mais interessante pensar na monogamia como uma via mais facilitada por sua relação com nossa cultura, devido à forma como os bebês humanos são cuidados, em sua maioria. Mas devemos cuidar para que não fazer um desvio neste sentido sociologizante, tendo sempre a perspectiva de que, em última

instância, qualquer que seja a forma de relacionamento escolhido, o conflito jamais cessará de existir devido à essência cindida do sujeito.

Os artigos a seguir tentam demonstrar tais suposições, considerando as consequências das teorizações em sua dimensão política. Ressaltamos, por fim, que são apenas uma das infinitas interpretações possíveis de um tema tão complexo e ao mesmo tempo tão presente em nosso cotidiano, qual seja a monogamia.

Capítulo I **Estratégias Metodológicas**

De acordo com Laplanche (1992b) a Universidade se apresenta, atualmente, “fortemente estruturada, muito integrada socialmente, estreitamente finalizada do ponto de vista de seus objetivos” (p. 4). Seria, portanto, o lugar do saber, não da verdade. No entanto, como o autor afirma, esta instituição, em certos setores, como o das ciências humanas, permanece um pouco aberta, dando espaço, então, para o ensino e estudo da psicanálise em seu interior. Esta abertura contribui não só para o avanço do conhecimento na Universidade, mas também, e seria isto o que mais nos interessaria neste trabalho, do desenvolvimento da própria psicanálise, pois, na medida em que a mesma se depara com o rigor acadêmico e outros campos do saber, novas questões surgem para fazer a teoria trabalhar. Sendo este, portanto, nosso ponto de partida, bem como nossa meta, o presente trabalho se debruçará sobre o tema específico da monogamia na obra de Freud e seus desdobramentos nas elaborações de Horney, buscando abordá-lo de forma que possa ser útil a outras áreas do conhecimento, da mesma forma que se apresente também enquanto uma contribuição para o campo psicanalítico.

Buscando cumprir este rigor acadêmico exigido, partiremos da metodologia laplancheana, como colocado anteriormente, que pressupõe que a “teoreticogênese, isto é, a evolução da teoria com suas metamorfoses, tem tendência a reproduzir a ontogênese, isto é, o destino da sexualidade e do inconsciente no ser humano.” (Laplanche, 1993, p. 12). Este trabalho, portanto, se propõe a ser uma pesquisa *em* psicanálise e também *sobre* psicanálise (Aguilar, 2006), na medida em que utilizando o método analítico, percorreremos um percurso na história da psicanálise, tendo como guia o tema da monogamia.

Desta forma, utilizando tal metodologia profundamente inspirada pela psicanálise, buscaremos também expor os desvios presentes nas elaborações sobre a monogamia.

Entendendo como desvios os movimentos de recuo na teorização frente aos efeitos da prioridade do outro na constituição do ser humano sexual (Laplanche, 1997). Como Laplanche (1997) sugere:

Certamente, demonstrar um desvio é evidenciar o erro, o caminho errado, mas também é tentar mostrar as causas do desvio, e é aí que as coisas se complicam. Nenhum desvio é inocente, nenhum é desprovido de causa; mas como orientar-se quando é, mais uma vez e de novo, o objeto que é a causa maior do desvio: não só da exigência verdadeira, mas dos desvios e impasses no caminho do verdadeiro? (p. 12)

Sendo então o inconsciente o objeto de estudo da psicanálise, ou seja, o que impõe uma exigência para a investigação e, ao mesmo tempo, leva a descontinuidades e incoerências nas teorizações, traçaremos um “raio vetor” (Laplanche, 1992b, p. 13) nas espirais da teoria psicanalítica sinalizando como o tema da monogamia se repete e buscaremos estabelecer um diálogo entre alguns momentos da obra do pai da psicanálise em que ela surge, a fim de que fique claro que ora o modelo monogâmico trabalha no sentido do recalçamento e ora no sentido da explicitação do caráter pulsional da relação do sujeito com o objeto. Ao revisitar conceitos e casos clássicos da teoria psicanalítica explicita-se que a instituição da monogamia pode funcionar para alguns sujeitos como uma escolha masoquista, enquanto que, para outros, aparece do lado sádico, sendo, também, utilizada na produção de massivos recalçamentos.

Tendo em vista o cumprimento do segundo objetivo da dissertação, apresentaremos no segundo artigo as formas pelas quais as primeiras elaborações acerca do tema se desenvolveram na obra da psicanalista alemã Karen Horney. Buscamos expor as contribuições da autora em relação à dimensão conflitiva das escolhas amorosas, bem como das constituições identitárias, sem deixar de apontar para os desvios presentes também em sua teorização. Os resultados que serão apresentados, dizem respeito às consequências de colar a escolha objetal à identidade de gênero, sendo que optamos por apresentar

interpretações que desvinculam tais dimensões do psiquismo, tomando por base as elaborações laplancheanas sobre gênero, sexo e sexual.

Na tentativa de retomar e explicitar a prioridade do outro na constituição psíquica, aproximamos as elaborações horneyanas e a teoria da sedução generalizada, a fim de fazer a teoria psicanalítica trabalhar, no sentido de expandir cada vez mais o campo das interpretações acerca do enlace amoroso, buscando dar continuidade ao movimento copernicano no campo dos estudos da constituição psíquica inaugurado por Freud (Laplanche, 1992a).

Capítulo II

A monogamia na obra de Freud

RESUMO

O presente trabalho parte da ausência do tema da monogamia como causa de investigações no campo da Psicanálise. Consideraremos a possibilidade de tal ausência constituir uma defesa contra a angústia gerada pelos estados primários de passividade aos quais as relações amorosas nos remetem. Tomando por base os apontamentos laplancheanos acerca do inconsciente, principalmente no que diz respeito ao seu caráter singular, individual e conflitivo, problematizamos a forma como o tema da monogamia aparece na obra de Freud, partindo da concepção de que o texto tem um conteúdo tanto manifesto quanto latente, os quais buscamos explicitar na obra do autor. Propomos, portanto, uma interpretação dialética das contradições do pensamento acerca da monogamia, que se coloca na obra de Freud enquanto pressuposto universal, quase natural, das relações amorosas e, ao mesmo tempo, como arranjo particular de sujeitos. Pensamos na monogamia como uma via facilitada por sua relação com nossa cultura, considerando a forma como os bebês são cuidados. Mas devemos estar atentos para não cometermos um desvio sociologizante, tendo em vista que, em última instância, qualquer que seja a forma de relacionamento escolhido, o conflito jamais cessará de existir devido à cisão constitutiva do sujeito.

Palavras-chave: monogamia; psicanálise; desvio; conflito.

Abstract

This study departs from the absence of the monogamy theme as a cause of research in the field of psychoanalysis. We consider the possibility of such failure constitute a defense against anxiety generated by the primary states of passivity which romantic relationships take us. Based on the laplanchean notes about the unconscious, especially with regard to its unique character, individual and conflictive, we question how the issue of monogamy appears in Freud's work, based on the view that the text has contents both manifest and latent, which we tried to explain in his works. We therefore propose a dialectical interpretation of the thought contradictions on monogamy, which is placed in Freud's work as a universal assumption, almost natural, of relationships and at the same time as a particular arrangement of subjects. We think of monogamy as a facilitated way by its relationship with our culture, considering the way babies are cared for. But we must be careful not to commit one sociologizing

diversion, bearing in mind that, ultimately, whichever form of chosen relationship is, the conflict will never cease to exist due to the constitutive split of the subject.

Key words: monogamy; psychoanalysis; deviation; conflict.

INTRODUÇÃO

A monogamia, suas possíveis origens e implicações, foi e é discutida por diversas áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a literatura e o direito. No entanto, apesar do tema ter relevância em termos culturais e clínicos, na medida em que é um arranjo, praticamente hegemônico, no qual os sujeitos envolvidos podem tanto desenvolver suas capacidades criativas quanto tomá-lo como uma fuga da incompletude, nota-se que há poucas referências explícitas no campo da psicanálise sobre o assunto, onde ela tem aparecido mais enquanto um pressuposto estrutural, a partir do complexo edípico, do que como causa de investigações. Apesar das contribuições de psicanalistas como Jessica Benjamin (1988), Nancy Chorodow (1989) e Juliet Mitchell (2006[1967]) terem sido importantes para repensar os papéis ocupados por homens e mulheres, a questão da monogamia parece não ter sido discutida no contexto histórico-epistemológico da psicanálise¹. Pensando psicanaliticamente, não podemos supor que essa ausência do tema como causa seja mera coincidência.

Apesar de considerar-se que a monogamia enquanto instituição não é, nem poderia ser, assimilada de maneira homogênea por todos os sujeitos que nela se inserem, iremos privilegiar a análise do formato prescrito de sua constituição, ou seja, aquele em que vigoram a fidelidade e a exclusividade em relação ao parceiro ou parceira amorosa. Tendo isso em conta, a monogamia apresenta relação direta com dois afetos discutidos de forma mais abrangente por Freud, quais sejam o amor e o ciúme, na medida em que se constitui como um arranjo afetivo cuja principal característica é a exclusividade. Não podemos deixar de observar que tais afetos encontram-se presentes em nossas primeiras relações objetais e,

¹ Mitchell em “Mulheres: a revolução mais longa” (2006[1967]) discorre sobre o tema, mas a partir de perspectivas antropológicas e sociológicas.

portanto, constituem base importante da formação de nossas personalidades e da orientação de nossos desejos. No que tange o amor, Belo e Marzagão (2011[2006]) consideram que é preciso lançar mão de um paradoxo para compreender as origens desse afeto, uma vez que “não há eu para sentir o amor que se dá e o que se recebe e, no entanto, isso acontece” (Belo e Marzagão, 2011 [2006], p. 22). Os autores sugerem que, na medida em que o eu surge – a partir do recalçamento originário – perde-se o contato direto entre a pulsão e o objeto, inaugurando-se assim, um outro tipo de relação com o objeto, barrada pelo eu. Dessa forma, “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud, 1905, p. 210) na medida em que reativa as excitações originárias, seja de forma *demoníaca*, como no ciúme, seja gerando estados positivos, como no enriquecimento narcísico.

Analisaremos como ambos os afetos se apresentam na obra de Freud e quais são as relações estabelecidas entre ambos e a monogamia, para o autor. Partiremos, para tanto, do que Laplanche (1992), em suas *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*, chamou de “ortodoxia freudiana” (p. 37), ou seja, pontos dos quais não se pode abrir mão se quisermos manter nossas investigações e elaborações no campo da psicanálise. O primeiro desses pontos e talvez o mais importante, seria a noção de conflito. O conflito, de acordo com a psicanálise, é constitutivo do sujeito em diversas perspectivas, como entre as instâncias psíquicas, entre o desejo e a defesa, ou mesmo entre pulsões (Laplanche e Pontalis, 2001). A suposição de que no inconsciente os contraditórios coexistem, se demonstra nos conflitos manifestos (entre sentimentos opostos, por exemplo), e nos conflitos latentes, como na formação de sintomas.

Percebe-se claramente a tentativa de Laplanche (1992) de evidenciar o caráter individual do inconsciente. Posicionando-se não apenas teoricamente, mas também politicamente, o autor recusa suposições de elementos transindividuais e reduções linguísticas do inconsciente. Não havendo no inconsciente um código, não há nada que comunique o que

há são representações-coisa ou representações-palavra “sem respeito pela estrutura linguageira” (p. 95). Dessa forma, o mérito do método freudiano seria, justamente, o de fazer o inconsciente “falar”, nem que por apenas um instante, antes de se fechar novamente à comunicação. Esse movimento de fechamento, inerente à própria constituição do inconsciente, impede-nos de capturá-lo e torna o trabalho analítico uma reserva antitotalitária, devido ao reconhecimento desta inapreensibilidade. Em outras palavras, se mantivermos o posicionamento freudiano de que o inconsciente é, por definição, impossível de ser conhecido, o que implica que, mesmo que tenhamos acesso às suas manifestações, jamais seremos capazes de chegar ao próprio inconsciente, torna-se evidente que o campo interpretativo mantém-se aberto indefinidamente, sempre podendo ser reformulado. Portanto, tomaremos por base os apontamentos laplancheanos acerca do inconsciente, principalmente no que diz respeito ao seu caráter singular, individual e conflitivo, na tentativa de apresentar como o tema da monogamia aparece na obra de Freud, buscando, como Laplanche,

sempre olhar ao menos duas vezes, a fim de discernir, mesmo nos textos mais conhecidos, o detalhe, a contradição negligenciada, ou as reconsiderações de Freud à medida que surgem entre poucas linhas, parágrafos ou anos, e de considerar tais ‘acidentes’ como os equivalentes textuais de lapsos de língua e atos falhos no decurso de uma sessão analítica. (Scarfone, 2013, p 547)² [tradução nossa]

Partimos, portanto, da concepção de que o texto tem um conteúdo manifesto e um conteúdo latente e buscaremos explicitar estes conteúdos na obra de Freud. Para isto, tomaremos alguns textos do autor nos quais o tema da monogamia é abordado, seja enquanto elemento explícito ou implícito, colocando no mesmo plano o *insignificante* e o que é constantemente repetido (Laplanche, 1978[1968]), para que fiquem claras a quais funções, ou desejos inconscientes, as elaborações acerca da instituição monogâmica serviram na obra do

² *always to look twice at least in order to discern, even in the most familiar texts, the detail, the overlooked contradiction, or Freud's second thoughts as they arise within a few lines, paragraphs or years of one another, and to consider such 'accidents' as the textual equivalents of slips of the tongue and parapraxes in the course of an analytic session.* (Scarfone, 2013, p. 547)

pai da psicanálise. Sendo assim, propomos colocar o arranjo monogâmico como objeto central de análise, tirando-o do lugar naturalizado em que é posto, inclusive pela própria psicanálise, e investigando sob quais nuances ele aparece em meio às teorizações psicanalíticas. Obviamente este artigo não encerrará ou abordará de forma completa todo o tema na obra de Freud, não apenas pela extensão do objeto em questão, mas também por considerarmos a impossibilidade da apreensão total do mesmo.

Para que consigamos apresentar ao menos uma amostra representativa, algumas obras significativas de Freud foram escolhidas, partindo a princípio de uma “abordagem histórico-estrutural” (Laplanche, 1985, p. 9), no sentido laplancheano:

A história ou o ‘histórico’ do pensamento psicanalítico tal como nós a entendemos, só pode ter como ponto de referência coordenadas que pertençam à própria psicanálise. Isso significa que, além de uma história manifesta ou oficial (a que o próprio Freud quer às vezes escrever), a psicanálise contém uma história latente, em parte inconsciente, subentendida por temas repetitivos... (Laplanche, 1985, p. 9)

Propõe-se, portanto, uma interpretação dialética das contradições do pensamento acerca do objeto, no caso, a monogamia, que se apresenta na obra de Freud ao mesmo tempo enquanto pressuposto universal, quase natural, das relações amorosas, assim como arranjo particular de sujeitos. Partindo da metodologia analítica, que tem como regras a livre associação, não cronológica, e a atenção livremente flutuante, procuramos fazer uma leitura *analítica* dos textos freudianos, buscando as linhas de força inconsciente presentes no mesmo (Laplanche, 1985), a fim de avançar a teorização sobre este tema no nível da exigência. Entendemos o nível de exigência por um guia de interpretação de uma obra que considera, ao mesmo tempo, seus aspectos formais, mas não deixa de levar em conta o ponto de desvelamento, ou seja, o desejo inconsciente do autor que se faz transmitir pelas linhas de seu texto (Laplanche, 1992).

Foram, portanto, selecionados textos clínicos, teóricos e sociológicos a fim de explicitar que este tema se repete em inúmeros momentos na obra de Freud, principalmente, enquanto pressuposto. A monogamia, em alguns momentos, é colocada como uma escolha natural, como veremos na análise do texto “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo” (Freud, 2006[1922]), evidenciando um desvio naturalista ao supor o ciúme como defesa automática, presente em absolutamente todos os sujeitos, como é indicado: “Se alguém parece não possuí-lo [o ciúme], justifica-se a inferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente.” (p. 237).

Veremos, por outro lado, como Freud, em diferentes momentos, principalmente em seus textos sociológicos, aponta para a monogamia como construção histórica e política, que serve aos mecanismos do recalçamento. Em “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud (2006[1912]) ainda adota uma postura que estaria, de acordo com Laplanche (1992), mais próxima ao nível da exigência, quando afirma, por exemplo, a respeito dos arranjos amorosos, que a psicanálise não está isenta de tendenciosidades, mas que visa “derramar alguma luz” (p. 192) sobre os acontecimentos psíquicos, podendo suas descobertas ser utilizadas na construção de novos modos de relacionamento. Da mesma forma, o presente trabalho não se pretende asséptico, mas buscaremos explicitar qual é o estatuto da monogamia na obra de Freud, dando destaque à dimensão hierárquica que a instituição monogâmica apresenta, dado que, aparentemente, constitui-se em grande medida como dispositivo de defesa da masculinidade em relação à passividade.

O CIÚME E A MONOGAMIA

Apesar de haver na obra freudiana inúmeras referências à monogamia, explícitas e implícitas, é notável que a mesma não tenha sido objeto de investigações mais profundas,

sendo muitas vezes tomada como arranjo mais desejável, mais natural de escolha amorosa. Nesta seção tentaremos apontar como alguns conceitos e desvios operaram para mantê-la como pressuposto. Sendo assim, impõe-se a análise de alguns textos clássicos sobre o ciúme, tendo em conta a prescrição fundamental da monogamia que seria a exclusividade, a fim de que se explicitem esses desvios.

No artigo “Sobre o mecanismo da paranoia”, Freud (2006[1911]) ressalta o componente homossexual ao qual esta última está atrelada, assim como seu caráter projetivo. A fim de explicitar as origens deste desejo homossexual, Freud remete ao caminho que a pulsão faz do autoerotismo à escolha objetal, que passa, invariavelmente, pelo narcisismo, ou seja, escolha de si próprio, do próprio ego, como objeto de amor. Sendo assim, Freud deriva da proposição “Eu o amo” três saídas diferentes para o recalçamento do desejo homossexual. A primeira delas se daria enquanto um delírio de perseguição: “Eu não o amo – eu o odeio, porque ele me persegue”. A segunda seria pela via da erotomania: “Eu não o amo – eu a amo, porque ela me ama.” Enquanto que a terceira derivação, que mais nos interessaria, seria pela via do ciúme: “Eu não o amo – ela o ama”. Percebe-se neste caso que a escolha narcísica e a projeção inibem o caráter alteritário do ciúme.

Ribeiro (2012), neste sentido, aponta para a insuficiência teórica do conceito de projeção na explicação dos fenômenos do ciúme e da paranoia. O autor aponta para o desvio de Freud ao deixar de lado o caráter identificatório presente no ciúme. De acordo com ele, “separar identificação de investimento libidinal atende à necessidade de proteger a suposta masculinidade primária do menino contra a possibilidade de uma feminilidade primária resultante da identificação também primária com a mãe.” (Ribeiro, 2012, p. 448). Percebe-se, portanto, que há uma supressão da identificação feminina primária, que seria resultado dos primeiros cuidados do bebê pela mãe.

Em “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo”, Freud (2006[1922]) parece novamente negar o aspecto identificatório do ciúme, descrevendo-o em três níveis, ou graus, que podem ser descritos como ciúme competitivo ou normal, ciúme projetado e ciúme delirante. Neste artigo, Freud descreve que o ciúme neste primeiro grau é, assim como o luto, um estado emocional normal, originado a partir do Édipo e das relações entre irmãos. O segundo nível de ciúme, o projetado, se derivaria dos próprios impulsos do sujeito, seja ele homem ou mulher, à infidelidade, sendo a projeção desses impulsos uma defesa egóica. Já o ciúme delirante seria o resquício de tendências homossexuais que, seguindo seu curso, tomam a forma de uma paranoia clássica, como já foi colocado anteriormente: “Eu não o amo – ela o ama”.

Percebe-se, durante as três seções deste artigo, que o ciúme é mais do que uma via facilitada para Freud, derivado das primeiras relações objetais monogâmicas com a mãe, sem que, no entanto, reconheça-se o caráter identificatório desses investimentos:

De fato, a naturalidade com que Freud estabelece que a mãe é o primeiro objeto de investimento libidinal por parte do menino traz todas as evidências de sua crença na força que a determinação biológica exerceria nessa escolha. Embora não tenhamos a intenção de retomar aqui todas as críticas à atribuição de uma força semelhante ao instinto, capaz de assegurar o desejo sexual do menino pela mãe, nem tampouco pretendemos retomar as objeções à atribuição de um valor narcísico inato ao órgão masculino, é imprescindível apontar para a relação desse viés teórico com uma concepção da identificação na qual o investimento libidinal do objeto é nitidamente separado dos processos identificatórios. (Ribeiro, 2012, p. 448)

Ribeiro (2005, 2012) traz significativas contribuições acerca desta indissociação entre investimento objetal e identificação, a qual faz cair por terra a ideia freudiana de uma masculinidade inata nos meninos e de uma maior complexidade em termos de formações

identitárias nas meninas³. Esta concepção acerca das origens das identificações, nos leva a repensar o lugar do ciúme nas relações amorosas, assim como na obra de Freud. Parece-nos que em ambos os textos a naturalidade e universalidade associada ao ciúme se constituem enquanto um desvio que tem inúmeras implicações. Para nosso tema, cabe apontar o estreitamento das possibilidades de relacionamentos futuros dos sujeitos. Uma vez que supor uma natureza implica em traçar um destino, a psicanálise correria o risco de servir a uma normatização das relações, nas quais os papéis encontram-se já definidos desde o nascimento dos sujeitos.

Ora, se o tempo da psicanálise é o passado, ou seja, se aceitamos o fato de que as relações que estabelecemos, assim como nossos comportamentos em geral, são moldados pelas nossas primeiras experiências, poderíamos pensar que, já que inicialmente, e naturalmente como indica a suposição freudiana acerca da escolha de objeto amoroso, o bebê humano desenvolve uma relação que poderíamos considerar monogâmica com a mãe, com todas as exigências de monopólio e segurança que lhe são típicas, o caminho normal para os relacionamentos amorosos futuros seria o da monogamia. Percebemos então que nesta tentativa de defesa de uma masculinidade primária do menino o conflito é retirado, poderíamos dizer negado, nessa primeira relação. Em outras palavras, é como se fosse possível a escolha da mãe como objeto de desejo sem que o menino se identifique com ela. Consequentemente, estabelece-se apenas um caminho para o desenvolvimento normal da sexualidade dos homens neste campo, o que não poderia ser mais avesso à ideia de singularidade proposta pela psicanálise.

Por outro lado, no texto de 1912, “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud retoma sua teoria da sedução, evidenciando o caráter alteritário da constituição psíquica e da origem da sexualidade, ao descrever que:

³ De acordo com a teoria freudiana, os meninos, ao nascerem, tomam imediatamente a mãe como objeto de investimento, não se identificando com ela, mas sim com o pai, da mesma forma acontece com as meninas, que devem futuramente desinvestir a mãe enquanto primeiro objeto de amor, e desidentificarem-se do pai. (Freud, 1925).

a afeição demonstrada pelos pais da criança e pelos que dela cuidam, que raramente [nós diríamos, junto a Laplanche, que nunca] deixa de delatar sua natureza erótica ('a criança é um brinquedo erótico'), concorre, em grande parte para erigir as contribuições feitas pelo erotismo às catexias de seus instintos do ego e para incrementá-la numa medida em que se compele a desempenhar um papel em seu desenvolvimento ulterior, principalmente quando algumas outras circunstâncias emprestam seu suporte. (Freud, 1912, pp. 186-187)

Neste texto, Freud desenvolve sua hipótese referente à escolha dos sujeitos por objetos sexuais depreciados na tentativa de conseguirem completa satisfação sexual. O autor pontua que tal satisfação é inatingível devido às exigências de nossa cultura. Sendo, portanto, o objeto original da pulsão proibido, surge uma série de objetos, infindável, de acordo com Freud (1912, p. 194), para representá-lo, mas que também não proporcionam a satisfação completa.

O pregnante afeto pela mãe tornaria os homens monogâmicos do ponto de vista inconsciente e reiterados poligâmicos insatisfeitos da perspectiva consciente. Belo e Marzagão (2011) lançam mão da seguinte metáfora freudiana para explicitar esta proximidade entre amor e destino: “Impõe-se aqui uma comparação com a formação do crânio do recém-nascido; depois de um parto prolongado o crânio da criança deve apresentar a forma do canal estreito da pelve materna” (pp. 14-15 Freud in Belo e Marzagão, 2011). Tal metáfora, apesar do mérito de demonstrar a influência da alteridade na constituição do psiquismo, pode também sugerir um estreitamento das possibilidades tradutivas do sujeito a essas marcas incutidas na primeira infância, como se apenas uma forma de resposta fosse possível diante de determinadas experiências pulsionais. Lembremos, no entanto, que Freud explicita ainda neste artigo de 1912 a característica perversa e polimorfa da pulsão, que, necessariamente, não pode ser satisfeita para que a civilização seja mantida. Parece-nos que Freud ao considerar que a afeição dos pais, que por si só já é comprometida pelo

inconsciente, tem papel fundamental no desenvolvimento do sujeito, bem como que também há outros fatores ambientais, ou circunstâncias como escreveu, que interferem nas escolhas futuras do mesmo, nos indica que o comportamento humano não obedece a uma lógica causal que pode ser decomposta até sua origem, mas sim, a uma outra lógica, a do processo primário. Assim sendo, podemos perguntar em que medida aquela monogamia edípica inconsciente já não seria algum tipo de tradução organizadora desses aspectos mais disruptivos do sexual infantil, e não uma escolha natural dos sujeitos.

Percebe-se, durante todo o texto, uma atenção de Freud às intervenções radicais da alteridade no surgimento e desenvolvimento do sujeito, algo que não parece muito presente nos outros dois artigos citados nesta seção. É interessante perceber como o pensamento de Freud parece estranho a si mesmo, talvez contraditório, ao analisarmos estes três textos, de 1911, 1912 e 1922. Assim sendo, não poderíamos pensar em uma evolução cronológica do pensamento, mas em descontinuidades provocadas, como indica a metodologia laplancheana, pela força do inconsciente.

REFLEXÕES SOCIOLÓGICAS: SOBRE O AMOR E A MONOGAMIA

Para demonstrarmos esses contínuos desnivelamentos na teorização freudiana acerca da monogamia, trataremos nesta seção dos apontamentos do autor a respeito das motivações psíquicas que nos levam, de alguma forma, a optar por este tipo de arranjo amoroso. Nota-se, que em seus textos de caráter sociológico, Freud, apesar de algumas oscilações, parece estar mais atento à dimensão sócio-histórica da monogamia. Como exemplo disso, veremos a análise apresentada em seu texto “O tabu da virgindade” (1918 [1917]).

O autor inicia o artigo com a observação do fato de que o alto valor atribuído à virgindade da mulher pelo pretendente, valor presente ainda em alguns grupos na atualidade, seria a “continuação lógica do direito à posse exclusiva da mulher, que constitui a essência da

monogamia, a extensão desse monopólio para incluir o passado” (p. 201). Em seguida, Freud lança mão de um conceito de Krafft-Ebing, o de sujeição sexual, para justificar o que ele descreve como algo mais embasado do que um mero “preconceito” (p. 201) sobre a vida erótica das mulheres, que seria o grau de dependência feminino supostamente desenvolvido em relação àquele que efetivar seu “defloramento” (p. 202). De acordo com Freud, essa dependência seria consequência da alta resistência sexual, presente devido à cultura, que é vencida com esse ato, o que justificaria a maior presença dessa sujeição em mulheres do que em homens. É interessante apontar que Freud, junto com Krafft-Ebing, parece concordar com a importância dessa sujeição, em certa medida, para a continuidade dos relacionamentos monogâmicos, que, de outra forma, seriam destituídos por outros impulsos dos seres humanos. Parece-nos claro, neste ponto, que Freud reconhece na monogamia um mecanismo que visa recalcar desejos inconscientes do sujeito, de outra forma, não seriam necessárias as regulações legais às quais ela está submetida (Freud, 1913).

É notável, no entanto, que esta exigência de fidelidade se manifeste de forma muito mais acentuada para as mulheres em comparação aos homens. Estudos sociológicos nos ajudam a entender tal desproporcionalidade sem que apelemos para explicações de cunho naturalista. Engels (1997[1884]) aborda o tema do surgimento da família, localizando-o, historicamente, no mesmo momento do nascimento da noção de propriedade privada, sendo a monogamia fundamental para o exercício dos direitos de herança e hereditariedade. O autor ressalta que a família monogâmica foi a primeira forma que esta instituição assumiu que se baseava em condições econômicas e não naturais.

A infidelidade foi, dessa forma, autorizada apenas aos homens, já que a paternidade dos filhos de um casamento deveria ser acertadamente do marido. Barbosa (2015) ressalta, ainda de acordo com Engels, que em sua origem, a palavra “família”, dos romanos, designava o conjunto de escravos pertencentes a um homem, sendo posteriormente estendido a todo o

grupo subordinado ao patriarca, ou seja, sua mulher, filhos e escravos e sobre quem tinha poder de vida e de morte. A monogamia das mulheres constituiu-se, portanto, a primeira opressão de classes, a opressão do sexo feminino pelo masculino.

Em termos de psiquismo, Freud (1905), em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, aponta que a criança aprende a amar a partir da sua relação de lactente com a mãe, ou ama. Será esta relação que deixará, para sempre, suas marcas no psiquismo da criança e por essas marcas, as futuras relações amorosas irão se pautar. De acordo com Belo e Marzagão (2011), na “psicologia do amor” freudiana, amor e destino encontram-se intimamente ligados, já que a passividade originária do bebê implica que o cuidado a ele oferecido implantará as “regras” que as relações futuras seguirão. Poderíamos pensar que talvez a monogamia seja uma das traduções deste tipo de regra inoculada no bebê nos primeiros meses de vida.

Em relação a estes destinos moldados durante a infância, Freud, em “O tabu da virgindade”, também propõe que “O marido é quase sempre, por assim dizer, apenas um substituto, nunca o homem certo; é outro homem— nos casos típicos, o pai – que primeiro tem direito ao amor da mulher, o marido quando muito ocupa o segundo lugar.” (Freud, 1918[1917] p. 210). Parece-nos, neste trecho, que Freud não reconhece a escolha homossexual feita originariamente pelas meninas, ao tomarem a mãe como primeiro objeto de investimento, bem como de identificação, como acontece também com os meninos, pressupondo um amor heterossexual originário. Percebe-se que, no mesmo texto, Freud desvela o caráter regulador, sócio-histórico da monogamia, mas também a apresenta, inclusive no seu formato heterossexual, no lugar de saída ideal para relacionamentos.

Este texto pode ser facilmente lido com outro trabalho de cunho sociológico de Freud de 1908, “A moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, em que fica explícita a condição de duplicidade, e, nos permitindo dizer, hipocrisia, presente no que ele chamou de

“moral dupla” (p. 169) da sociedade moderna que impõe diferentes normas para homens e para mulheres. No texto de 1908, Freud deixa clara a força de recalçamento que a cultura, principalmente através da instituição da monogamia, exerce sobre os sujeitos, levando-os aos mais graves padecimentos. Neste texto, especificamente, o autor trata da “doença nervosa” e de sua íntima relação com a supressão dos instintos sexuais, sem deixar de apontar, no entanto, para a imprescindibilidade desta supressão para a constituição da sociedade. Freud ainda assume que é justamente devido ao caráter constantemente mutável e flexível da pulsão que se torna possível a substituição de objetos geradores de satisfação de forma a possibilitar o indivíduo a atingir uma sexualidade “saudável” e útil para a sociedade. Desta forma, percebemos como este texto parece atentar para a natureza polimorfa da pulsão sexual, a qual não poderia ser restrita apenas à tradução da escolha monogâmica, heterossexual, como forma privilegiada de relacionamento.

No entanto, Freud parece não se atentar para o fato de que sua própria teorização a respeito da origem do complexo de Édipo, por exemplo, contribui para o apagamento desta dimensão polimorfa da pulsão. Em *Totem e Tabu*, ao descrever a origem da civilização e do Édipo a partir da horda primeva, o subsequente parricídio e a tomada do poder pelos filhos insurrectos, após um breve período de matriarcado, Freud (1913) atribui às mulheres o lugar de representantes da satisfação total, da mesma forma que os primitivos. Ao não explicitar a culpabilização das mulheres neste contexto primordial, Freud parece fazer uma dobra na teoria, legitimando a repressão das mesmas devido ao caráter ameaçador que a situação originária de dependência materna apresenta para o sujeito. Ribeiro (1985) ainda demonstra o caráter de recalque presente no mito das origens freudiano em relação a este estado primário de dependência, ao atribuir-se ao homem, e não à mulher, o papel principal na procriação da espécie. Ele acrescenta que:

O significado da repressão da mulher encontra-se, segundo Freud, no fato desta simbolizar o princípio de prazer, a gratificação plena de todas as necessidades e portanto

uma ameaça à sobrevivência não só do indivíduo como também da coletividade, pois, somente sob o domínio do princípio da realidade (Ego), cuja observação era imposta pelo pai primevo, a horda poderia sobreviver. Este certamente não é todo o significado da repressão imposta à mulher no decorrer da formação de nossa cultura [...] Se realmente no início da história da civilização, a fertilidade feminina maravilhava e causava a inveja dos homens, se esta mesma fertilidade se aproximava em importância ao papel dos modernos meios de produção, é pertinente supor que a importância do controle deste poder feminino também se aproximasse do significado que tem hoje o controle dos meios de produção e da força de trabalho, não apenas pela sua importância subsistencial, mas também por representar a realização heroica da qual tanto carecem os homens. (p. 122)

Poderíamos deste modo, discordar da proposição de Engels de que a monogamia foi a primeira opressão de classes, tendo em vista que, aparentemente, mesmo antes de seu surgimento, as mulheres já eram de algum modo reprimidas pelos homens. A monogamia tem sido apesar disso, um dos mecanismos que contribui para a manutenção desta repressão, assim como percebemos que também a psicanálise, em conceitos-chave, como o Édipo, tomado não como um roteiro, mas sim como uma realidade inevitável e natural, operou e opera para a legitimação dessas repressões.

Na próxima seção, trataremos de algumas das consequências da inquestionabilidade deste mecanismo na clínica psicanalítica.

A MONOGAMIA NA CLÍNICA

Buscaremos expor nesta seção os desdobramentos, em alguns casos clínicos de Freud, de suas concepções acerca da monogamia. Um exemplo de como os campos de sua interpretação foram muitas vezes reduzidos por forças inconscientes de recalçamento, no sentido da “tradução” e não da “destradução”, é o erro que Freud comete durante a análise de Dora (1905 [1901]). Este deslize, clássico na história da psicanálise, por exemplo, se refere à tentativa de Freud em moldar Dora de acordo com o que nela esperava encontrar, ao achar que ela deveria apaixonar-se por um homem, assim como sentir ciúme das relações que este

homem estabelecia com outras mulheres, como sua esposa e a governanta, quando o que se passava, em realidade, seria uma atração de Dora pela Sra. K. É conhecido o fato de que este estreitamento da interpretação de Freud contribuiu para a transferência negativa de Dora, que a levou, posteriormente, a abandonar o tratamento. A resistência de Freud em perceber o desejo homossexual presente em Dora é, talvez, a mesma resistência encontrada no texto de 1911, “Sobre o mecanismo da paranoia”, em relação à identificação feminina do homem ciumento.

Na “Conferência XVII”, Freud (1917) afirma que os sintomas, assim como os atos falhos e os sonhos, tem um sentido, e busca, através de dois exemplos clínicos de casos de neuroses obsessivas, demonstrar sua hipótese. O primeiro caso relatado é de uma jovem senhora, com cerca de trinta anos que possuía algumas manifestações obsessivas graves. Freud começa o relato dizendo que talvez a pudesse ter ajudado “se uma eventualidade desfavorável não tivesse transformado em nada o meu trabalho – posso ser capaz de contar-lhes mais a respeito disso, futuramente” (p. 269). No entanto, não menciona que eventualidade foi essa que jogou por terra seu trabalho.

O ato analisado nesta conferência⁴ se constituía do seguinte ritual: a paciente corria de seu quarto até outro quarto contíguo, se posicionava diante de uma mesa de determinada maneira e chamava a empregada, dando-lhe qualquer tarefa sem importância ou mesmo a dispensando sem maiores explicações. Freud relata que, após ter invalidado uma de suas dúvidas importantes – também sem mencionar qual – a paciente tem um *insight* que revela o sentido do ato. Na noite de núpcias, seu marido, muitos anos mais velho que ela, ficou impotente. Durante a noite ele correu até o quarto dela, para uma nova tentativa, mas não obteve êxito e, envergonhado, na manhã seguinte, derramou uma garrafa de tinta vermelha no lençol para que não fosse julgado pela empregada.

⁴ Em “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907), Freud relata outros três rituais da mesma paciente.

A interpretação de Freud é a de que a moça, identificada com seu marido, procura corrigir o malfeito do mesmo ao forçar a empregada a ver a mancha de tinta na toalha da mesa. De acordo com o autor:

servia ao propósito de fazer seu marido superar a desventura passada. Tudo quanto eu poderia lhes dizer a respeito dessa mulher ajusta-se ao fato. Ou, mais corretamente falando, tudo o mais que sabemos a respeito do caso abre o caminho, mediante esta interpretação ininteligível. A mulher estivera separada de seu marido, durante anos, e estava debatendo-se com a intenção de obter divórcio legal. Contudo, não havia como livrar-se dele; ela era forçada a permanecer fiel a ele; retirou-se do mundo para não ser tentada; em sua imaginação desculpava-o e engrandecia as qualidades dele. Na verdade, o mais profundo segredo de sua doença consistia em que, através desta doença, protegia seu marido de comentários maldosos, justificava-se por estar separada dele e possibilitava-lhe levar uma vida separada cômoda. (pp. 270-271)

Freud, em “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907), menciona ainda outros três atos da mesma paciente que se referem ao seu relacionamento conjugal. O primeiro deles era o fato desta senhora deixar intacta a melhor porção de tudo o que comia que é interpretado a partir do dia de sua origem, quando ela recusou ter relações sexuais com seu marido, que, de acordo com Freud, seria renunciar ao melhor. O segundo ato se refere à paciente só se sentar em uma cadeira da qual era difícil levantar-se, a qual simbolizava seu marido e explicava-se pela frase: “É difícil nos separarmos de alguma coisa (um marido, uma cadeira) a que já nos fixamos.” (p. 112). Quanto ao terceiro ato, o de anotar o número de todas as décadas de papel-moeda, se referia a um encontro com um senhor que, de forma galanteadora, disse que não se separaria de uma nota que ela havia lhe dado. Nos encontros posteriores com esse senhor, ela tencionou pedir-lhe para mostrar a nota, mas conteve-se, já que não poderia de fato saber se era a mesma nota que ela havia lhe dado.

Freud neste mesmo artigo ainda comenta que:

Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que

podemos denominá-lo de sentimento de culpa inconsciente, apesar da aparente contradição dos termos (p. 113).

Freud, aparentemente, faz suas interpretações baseado em conteúdos mais pré-conscientes do que naqueles verdadeiramente inconscientes, sexuais, disruptivos.

Pensamos que o caso descrito parece revelar a capacidade da monogamia em recalcar aspectos importantes do sexual. Pode-se considerar que a escolha da paciente por um homem mais velho talvez já estivesse comprometida com o desejo de que esse homem falhasse sexualmente. Por quê? Talvez porque o que ela visava preservar fosse algo da sexualidade infantil: sua virgindade, sua pureza, algo do corpo não penetrável, não penetrado. No entanto, há algo de conflitivo demonstrado pelo sintoma obsessivo. Mostrar a mancha de sangue é um modo de identificar-se com o marido, de salvá-lo, como diz Freud, mas também de apresentar-se para a sociedade (a empregada) como uma mulher devidamente introduzida no campo da sexualidade adulta. Os sintomas da cadeira e da nota apontam para algo ainda mais potente da sexualidade infantil: a sensação de que não podemos nos separar de alguém.

Para além da moral burguesa da época, que tornava a separação um ato social quase impossível, pensamos em outra hipótese. Talvez o casamento com o homem mais velho e impotente legitime ainda mais esse desejo: deixar alguém impotente provoca culpa semelhante àquela sentida por algumas crianças diante de suas mães deprimidas. Abandonar a mãe nesse contexto significa também admitir-se impotente para ajudá-la e, nesse sentido, também culpada por não conseguir ajudar e, inconscientemente, por ter produzido algo da depressão materna. A identificação com a mãe impotente é diretamente proporcional ao desejo de salvá-la. A relação com um marido impotente e mais velho pode ser uma reedição de uma relação parental como a que descrevemos. Trata-se não de salvá-lo, mas de repetir de forma masoquista algo da situação originária. A cena do lençol ensanguentado é todo o

salvamento que se deseja: uma saída imaginária apenas para salvar-se da sexualidade que ela não pode viver realmente.

Estes dois casos expostos demonstram como as intervenções do analista são ditadas não apenas pelo seu domínio da técnica psicanalítica, mas em grande parte também por seus impulsos inconscientes de tradução. Entendemos que sustentar a dimensão disruptiva da pulsão requer constantes movimentos de revisão de nossas próprias concepções acerca das saídas possíveis dos sujeitos para seus conflitos, a fim de que não perpetuemos determinados tipos de relação de dominação que já não são mais desejáveis em nossa sociedade.

Neste sentido, pensando na dimensão polimorfa do desejo, o relacionamento monogâmico poderia também funcionar como um recipiente mais ou menos seguro para o exercício da sexualidade de maneiras benéficas para os sujeitos envolvidos. Dessa forma, ao mesmo tempo que a monogamia poderia funcionar, como vimos, como uma defesa em relação a determinados desejos inconscientes que se apresentam como demasiado disruptivos, ela também pode constituir-se como uma tina, da maneira que Laplanche descreve (1993), estabelecendo uma diferença potencial entre seu interior e exterior, garantindo a homeostase interna necessária para a expressão da libido.

Gostaríamos de estender a metáfora da tina para a monogamia a fim de levantarmos uma hipótese que contrabalanceia a ideia de que a monogamia se articula ao recalçamento. Laplanche (1993) propõe que o aparelho psíquico pode ser visto como uma tina. Ela tem por função fazer circular a libido, sem deixar vazar, por assim dizer. O autor propõe que a situação analítica deve produzir algo semelhante a essa tina e permitir que o trabalho de destruição, de desligamento, se coloque em movimento. As paredes da transferência sustentariam, portanto, aspectos mais disruptivos do pulsional a fim de que eles pudessem ser rearticulados posteriormente pelo paciente. Estamos propondo uma nova derivação. Talvez seja possível pensar na relação monogâmica, exatamente pela estabilidade que ela oferece,

como uma tina segura para que aspectos mais infantis e recalcados possam vir à tona. Nesse sentido, o recalçamento da sexualidade infantil funciona, mas sem tantos restos. Talvez seja possível incrementar, clinicamente, as traduções e destradações que relações monogâmicas trazem sem questionar o modelo em si, mas seu funcionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos com este trabalho expor as linhas de força inconsciente que operaram na obra de Freud para a manutenção da monogamia, em seu modelo prescrito de fidelidade e exclusividade amorosa, como pressuposto das relações amorosas, na tentativa de explicitar a dimensão defensiva que este modelo carrega. Deslocando-a de seu lugar naturalizado, percebemos que algumas noções utilizadas pelo pai da psicanálise em suas abordagens da constituição do psiquismo, como o amor e o ciúme, por vezes contribuíram para a formação de dobras ideológicas na medida em que não explicitam a força da determinação do outro intra e intersubjetivamente, mantendo, assim, reduzido o campo de interpretação acerca deste tipo de arranjo, interferindo inclusive nas intervenções clínicas de Freud.

Atribuir a primazia à alteridade sexual do inconsciente, sua constituição pulsional, tem consequências políticas fundamentais. A análise de um tema como a monogamia permite mostrar isto com clareza. Qualquer laço amoroso deve ser analisado a partir de suas raízes emocionais e as fantasias inconscientes. A monogamia merece especial atenção por ser um tipo privilegiado de relação amorosa em nossa cultura (Amorim, Belo e Moreira, 2015), o que muitas vezes dificulta seu questionamento em termos subjetivos e coletivos.

Uma das questões a ser examinada posteriormente diz respeito ao Édipo negativo. Como aponta Bersani (2009), a introdução do conceito de Édipo negativo em Freud, bem como sua relação fundamental com a bissexualidade, duplica o casal edipiano, na medida em que, no caso do menino, por exemplo, a disposição masculina desejaria a mãe da mesma

forma em que a disposição feminina adotaria o pai como objeto de amor. Em que pese a controvérsia acerca do conceito de bissexualidade freudiano devido ao fato deste se apresentar apenas como a coincidência de dois desejos heterossexuais – o do menino masculino pela mãe e o menino feminino pelo pai – o mesmo guarda o mérito de também “instituir uma mobilidade de posições desejantes e uma multiplicidade de identidades que fazem do próprio casal uma unidade em contínua dissolução. Psicanaliticamente, a monogamia é inconcebível, exceto como algo que bloqueia os circuitos do desejo” (Bersani, 2009, p. 92). Fazer a crítica das imagens da monogamia que conseguimos depreender ao longo da obra freudiana auxiliará a instrumentar analistas para uma escuta mais atenta à história do sujeito e sua relação com esse contrato amoroso que deve ser visto como arranjo pulsional, com todas as vicissitudes que determina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, P.; Belo, F.; Moreira, G. (2015). Monogamia: interpretações winnicottianas. *Contextos Clínicos*, 8(2): 201-209, julho-dezembro 2015. Recuperado em 07 de junho de 2015, <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2015.82.09/4978>.
- Barbosa, M. 2015 *Poliamor e relações Livres: Do Amor à Militância Contra a Monogamia Compulsória*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Belo, F.R. & Marzagão, L.R. 2011. Sobre o amor. In *Sobre o amor e outros ensaios de psicanálise e pragmatismo*. Belo Horizonte, MG: Ophicina de arte & prosa. (Trabalho original publicado em 2006).
- Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: Psychoanalysis, feminism, and the problem of domination*. New York: Pantheon Books.
- Bersani, L. 2009. Against Monogamy. In: *Is the rectum a grave? And other essays*. Chicago, IL, USA : University of Chicago Press. Pp. 85 – 101. Recuperado em 07 de dezembro de 2016 de <http://site.ebrary.com/lib/wmichlib/Doc?id=10356758&ppg=112>

Chodorow, N. (1989). *Feminism and Psychoanalytic theory*. New Haven: Yale University Press.

Engels, F. 1997. A origem da família, da propriedade privada e do Estado (Ciro Mioranza, trad.). São Paulo, SP: Escala. (Trabalho original publicado em 1884)

Freud, S. 2006. Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. VII pp. 13-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901]).

Freud, S. 2006. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. VII pp. 119-217). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. 2006. A moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In *Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. IX, pp. 167-186) Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. 2006. Sobre o mecanismo da paranoia. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XII pp. 67-86). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. 2006. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XI, pp. 181- 195). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. 2006. Totem e tabu. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIII, pp. 21- 168). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. 2006. Conferência XVII: O sentido dos sintomas. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XVI pp. 265- 279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916-1917]).

Freud, S. 2006. O Tabu da Virgindade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XI, pp. 198- 215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1917]).

Freud, S. 2006. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, pp. 235-247). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).

Freud, S. 2006. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIX, pp. 271-286). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Laplanche, J. 1978. Interpretar [con] Freud. (Jorge Alberto Zarza, trad.). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1968).

Laplanche, J. 1985. Introdução. In *Vida e morte em psicanálise*. (Cleonice Paes Barreio Mourão e Consuelo Fortes Santiago, trad., pp. 9 – 15). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. 1992. Problemáticas IV: O inconsciente e o id. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. 1993. *Problemáticas V: A tina: a transcendência da transferência*. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. Laplanche, J. & Pontalis, J.B. 2001. Conflito psíquico. In *Vocabulário da Psicanálise*. (Pedro Tamen, trad. pp. 89 - 92). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1982).

Mitchell, J. 2006. Mulheres: a revolução mais longa. (Rodolfo Konder, trad). In *Gênero*, Niterói, 6(2), pp. 203-232 (Trabalho original publicado em 1967).

Ribeiro, P.C. 1985. A inveja do útero. In *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, 1(2), pp. 113-142.

Ribeiro, P.C. 2012. Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria da sedução generalizada. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 445-452. Recuperado em 26 de abril de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722012000300010.

Ribeiro, P.C. 2005. Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista*, 11(18) pp. 238-256. Recuperado em 07 de junho de 2015, de

http://www4.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060915161457.pdf

Scarfone, D. 2013. A brief introduction to the work of Jean Laplanche. *The International Journal of Psychoanalysis*, (94) pp. 545-566, 2013.

Capítulo III

A monogamia em Karen Horney

RESUMO

O presente trabalho parte do desejo de investigar as motivações, conscientes e inconscientes, das escolhas de autores e teorias na construção da história da psicanálise. Por isso Karen Horney pareceu-nos uma boa representante do que Laplanche sinaliza como recalques presentes na teoria psicanalítica. Uma autora que, supomos, por explicitar desvios nas elaborações acerca da feminilidade e na cultura reforçadora do papel submisso da mulher, principalmente no enlace amoroso, desvela jogos de poder aos quais os psicanalistas prefeririam dizer que estão imunes. Sendo assim, investigamos o desenrolar da psicologia do amor de Karen Horney, buscando apontar seus méritos e deméritos na construção de uma teoria psicanalítica que é comprometida com as consequências políticas de suas elaborações. A monogamia, instituição hegemônica e que tende a ser interpretada como natural em nossa sociedade ocidental, parece-nos o campo ideal para a discussão proposta pela autora sobre o lugar designado às mulheres. Colocando em questão a forma como são constituídos os relacionamentos amorosos, faz-se necessário a abordagem das questões identificatórias e de gênero que os perpassam. A concepção laplancheana da primazia do sexual no desenvolvimento psíquico nos ajuda a desconstruir concepções naturalistas do encontro amoroso, as quais compreendemos como linhas sem saída para o desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Palavras-chave: Karen Horney; monogamia; recalque; gênero; sexo; sexual.

ABSTRACT

This study emerges from the desire to investigate the motivations, conscious and unconscious, of the election of authors and theories during the construction of the history of psychoanalysis. Therefore, Karen Horney seemed a good representative of what Laplanche signs as repressions present in psychoanalytic theory. An author who, we assume, by explicit deviations in the elaborations about femininity and about the reinforcing culture of the submissive role of women, especially in the intertwining of love, reveals power games which psychoanalysts would rather say that they are immune of. Thus, we investigated the conduct of Karen Horney on the psychology of love, seeking to identify their merits and demerits in the construction of a psychoanalytic theory that is committed to the political consequences of its

elaborations. Monogamy, hegemonic institution and that tends to be interpreted as natural in our Western society, seems the ideal field for the discussion proposed by the author on the place assigned to women. Calling into question how romantic relationships are made, it is necessary to approach the identificatory and gender issues that pervade. The laplanchean conception of the primacy of sexual in psychic development helps us deconstruct naturalistic conceptions of the romantic encounter, which we understand as dead-lines for the development of the psychoanalytic theory.

Key-words: Karen Horney; monogamy; repression; gender; sex; sexual.

INTRODUÇÃO

Historicamente os estudiosos da Psicanálise vêm elegendo determinados autores para consagrar a continuidade desta disciplina, enquanto relega outros ao profundo esquecimento. No entanto, ao tomar conhecimento da teoria analítica descobrimos que nenhuma escolha, seja ela de objetos de amor ou de autores a serem lidos, estão livres da persistente intervenção do inconsciente. É notável que Karen Horney, psicanalista alemã, contemporânea de Freud, tenha sido mais reconhecida por seu trabalho nos Estados Unidos, dos anos de 1932 até sua morte, em 1952 (Reyes, 2001), do que na Europa, onde completou seus estudos em Psiquiatria e Psicanálise em 1912.

Horney, a partir de seus trabalhos acerca da maternidade e do feminino, distanciou-se do freudismo, lançando mão de uma abordagem culturalista para embasar suas novas elaborações (Roudinesco, 1998). A abordagem culturalista propõe “uma explicação para o homem que se fundamente na diferença e no relativismo, questionando o universalismo próprio dos grandes sistemas de pensamento oriundos da tradição do saber ocidental” (Roudinesco, 1998, p. 140). Esta corrente de pensamento é fundamentalmente norte-americana, tendo Horney desempenhado um papel importante para a disseminação de seu viés psicanalítico nos Estados Unidos (Kurzweill, 2000). No presente artigo, abordaremos as críticas de Horney à teoria da feminilidade freudiana, tomando como modelo as elaborações da autora acerca das relações amorosas, mais especificamente suas colocações a respeito da

monogamia. Tal escolha justifica-se, a nosso ver, devido à extensão das teorizações de Horney e Freud sobre a sexualidade feminina, sendo necessário um recorte que, ao mesmo tempo, seja representativo em termos teóricos e clínicos, a fim de que se compreendam os pontos de convergência e divergência dos autores, bem como as teorizações mais atuais sobre o tema.

Entendemos que, ao pôr em questão os relacionamentos amorosos, suas modalidades, sucessos e fracassos, faz-se fundamental uma compreensão aprofundada das questões de gênero e identificação que perpassam e afetam tais relacionamentos. Por isso, este estudo partirá da proposição de Jean Laplanche (2003), qual seja: “o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo” (p. 155), a qual discutiremos com maior profundidade mais adiante.

O DEBATE SOBRE A FEMINILIDADE

Pode-se dizer que Freud não elaborou uma teoria da diferença sexual desde o início de sua obra. Aparentemente foi a evolução de sua teoria, com o acúmulo de descobertas, hipóteses e preconceitos, bem como de outros e, principalmente, outras analistas que o levaram, no final da década de 1910 e início de 1920, a discutir abertamente o problema da diferença sexual (Appignanesi e Forrester, 2010).

Apesar desta abordagem explícita do tema ser um pouco tardia, a questão das diferenças de gênero no desenvolvimento psíquico parecia já atormentar Freud desde os primórdios de suas elaborações (Valdivia, 1997). Já nas cartas a W. Fliess, Freud tentava precisar a questão da feminilidade, apresentando várias hipóteses que foram continuamente revistas durante sua teorização sobre o tema (Valdivia, 1997).

De acordo com Silva e Folberg (2008), os “Três Ensaio” seriam o ponto de partida a partir do qual se encontrariam as bases para o desenvolvimento da teoria da feminilidade freudiana. As autoras assumem o monismo sexual, apresentado naquele trabalho, como a

primeira das teorias sexuais de Freud, sendo determinante para as elaborações sobre a feminilidade na medida em que tem em sua concepção que o único órgão sexual reconhecido pela criança nos dois sexos é o masculino, em outras palavras, a suposição da lógica fálica como estruturadora do psiquismo infantil, o que discutiremos mais detalhadamente em uma próxima seção deste artigo.

Freud, nos seus ensaios, aponta a existência do complexo de castração tanto nos meninos quanto nas meninas, introduzindo ainda o conceito de inveja do pênis presente nestas últimas, como foco central de conflito no desenvolvimento psíquico das mesmas. No entanto, afirma que não há distinção entre o psiquismo masculino e o feminino até a puberdade, mantendo a concepção do clitóris como órgão fálico e desconsiderando a vagina como fonte de excitações (Silva e Folberg, 2008). Apenas em 1914, em “Uma introdução ao narcisismo”, ao falar sobre a instauração do superego, que irá estabelecer uma relação mais direta entre o complexo de Édipo e o complexo de castração, sendo que os apontamentos em relação às diferenças no desenvolvimento psíquico de meninos e meninas virão apenas em 1924, em “A dissolução do complexo de Édipo” (Silva e Folberg, 2008). Como colocam Silva e Folberg:

A concepção de que a verdadeira organização genital está ausente até a puberdade é mantida. Para o menino, o declínio do complexo de Édipo se realizará sob ação do complexo de castração, vivendo um conflito entre seus desejos libidinosos que dirige à mãe (num Édipo positivo) e o interesse narcísico que dirige para o pênis, prevalecendo normalmente o segundo caso. Na menina, o complexo de castração despertado pela visão do pênis nos meninos a levará a um sentimento de inferioridade e a querer compensar sua falta pela inveja do pênis. [...] Freud discutiu muito mais plenamente esta citação em seus trabalhos sobre a distinção anatômica dos sexos em 1925 e em 1931, quando falou da sexualidade feminina. Em ambos, fornece informações muito diferentes sobre o complexo de Édipo na menina, o que mostra o quanto ele refazia constantemente suas considerações a respeito da questão. (Silva e Folberg, 2008, p. 51).

As autoras ainda comentam que, em seus últimos escritos sobre a feminilidade, Freud ressalta o papel do complexo de castração no desenvolvimento da menina, levantando ainda a questão da bissexualidade e a forma pela qual a menina faz as transferências, primeiro de investimento do clitóris para a vagina, e de objeto de amor, da mãe para o pai (Silva e Folberg, 2008).

Em suas críticas à teoria freudiana a respeito do debate sobre a mulher, Horney, apesar de seu enfoque culturalista⁵, lançou mão muitas vezes ao argumento dúbio da biologia. Como, por exemplo, ao teorizar sobre o ciúme (Horney, 1991[1927]) ou ao supor a atração heterossexual como inata (Horney, 1991[1932]). No entanto, foi Horney quem estabeleceu a pauta da crítica feminista a Freud ao demonstrar, de maneira contundente, como a teoria psicanalítica sobre a feminilidade aproximava-se da teoria sexual infantil dos meninos sobre as meninas (Appignanesi e Forrester, 2010). No artigo de 1926, “A fuga da feminilidade”, Horney põe lado a lado as concepções infantis acerca das diferenças sexuais e as da teoria da feminilidade, denunciando como Freud, e outros psicanalistas, hipostasiavam a concepção fálica da existência de dois tipos de seres, os que possuem um pênis e os castrados.

Horney também teve papel importante no deslocamento do foco na inveja do pênis da psicologia feminina clássica. A autora em seu artigo “A negação da vagina” (1991[1933]) faz uma crítica explícita à teoria freudiana, questionando a centralidade da inveja do pênis na constituição do psiquismo das mulheres e contrapondo-a a um outro conceito, a inveja do útero, que desempenharia, de acordo com suas observações, um papel mais importante no desenvolvimento sexual dos homens do que era reconhecido até o momento. Neste artigo a autora traz argumentos sólidos que desconstroem a ideia clássica de que a vagina é desconhecida até a puberdade, tanto por parte dos meninos como das meninas, questionando

⁵ Apesar de Adler ser reconhecido como o criador do enfoque culturalista, Karen Horney, Erich Fromm e Harry Stack Sullivan já desenvolviam trabalhos cuja característica central era a priorização da determinação sociocultural no desenvolvimento humano (Reyes, 2001).

o fato de que as identidades de gênero só são verdadeiramente instaladas após a puberdade.

Ela afirma, a partir de suas observações clínicas e de estudos de ginecologistas, que:

Embora Freud não afirme expressamente, é evidente que, se a vagina permanece ‘desconhecida’, este é um dos argumentos mais fortes a favor da hipótese de inveja primária do pênis biologicamente determinada nas meninas ou da sua organização fálica original. Se não existissem sensações ou anseios vaginais e toda a libido estivesse concentrada no clitóris, falicamente concebido, poderíamos compreender como as meninas, por falta de fonte específica própria de prazer ou desejos especificamente femininos, seriam levadas a concentrar toda a atenção no clitóris, a compará-lo com o pênis do menino e depois, comprovada sua desvantagem nesta comparação, a sentirem-se definitivamente menosprezadas. Se, por outro lado, como penso, a menina experimenta desde o início sensações vaginais e impulsos correspondentes, deve ter, desde o princípio, forte senso do caráter específico do próprio papel sexual, e é difícil responsabilizar a inveja primária do pênis na intensidade postulada por Freud. (Horney, 1991[1933], p. 158)

Esta proposição da autora deixa claro que a hipótese do desconhecimento da vagina é, na realidade, a negação de sua existência e, conseqüentemente, de sua importância na constituição psíquica das mulheres. Horney (1991[1933]) aponta para o recalçamento das sensações vaginais pelas mulheres que se apresentam para a análise, mas mantém a posição de investigação analítica, atentando-se para os sinais deste recalçamento, como os distúrbios sexuais presentes nas mulheres e mesmo as fantasias de estupro, as quais indicam forte angústia diante da consciência prévia da cavidade vaginal. Pode-se dizer que ao comparar o clitóris com o pênis, as mulheres encontram-se em “desvantagem anatômica”, e assim permanecem ao negar-se a existência de outra fonte de prazer e angústia, tão importante, ou mais, do que o órgão fálico.

A autora, como outras psicanalistas, teve suas contribuições para a teoria psicanalítica colocadas em um plano subalterno, talvez por ser uma mulher em um meio dominado por homens, algo que ela mesma parecia já se atentar em seu artigo “A fuga da feminilidade” (Horney, 1991[1926]). Talvez mesmo por exprimir opiniões e elaborar conceitos tão

polêmicos e conflitivos com a teoria clássica de Freud, como a inveja do útero, a negação da vagina e o enfoque culturalista que dava às suas interpretações.

Percebemos que o debate sobre a feminilidade, longe de ter sido dado como encerrado, foi de extrema importância para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, sendo fonte de inúmeras discordâncias e polêmicas que estão para além das elaborações estritamente teóricas, mas que tem consequências clínicas e políticas que não podem ser ignoradas. Nas próximas seções, abordaremos algumas dessas consequências tendo como foco os relacionamentos amorosos, campo no qual os conflitos oriundos da sexualidade humana parecem ter expressão especialmente forte.

A PSICOLOGIA DO AMOR DE KAREN HORNEY

Nesta seção buscaremos expor como Horney discutiu a questão da centralidade da monogamia na sociedade ocidental, como pacto hegemônico de relacionamento amoroso. A autora defendia a hipótese de que a ausência de estudos neste campo se devia a recalcamientos pelo fato de esta instituição nos remeter a conflitos demasiado próximos às nossas experiências mais íntimas, além de ser uma instituição social, dificultando, assim, sua contestação (Horney, 1991[1927]). Ela aborda o tema de maneira bastante explícita, reconhecendo inclusive a importância de indagarmos sobre a monogamia, uma vez que, em termos práticos, há uma grande frequência de conflitos matrimoniais expostos em situações de análise, e, mesmo em termos teóricos, já que, de acordo com a autora, dificilmente há outra situação tão íntima e tão vinculada às experiências infantis como o casamento.

Percebe-se que em vários artigos de seu livro *Psicologia Feminina* (1991[1967]), Horney ao mesmo tempo em que apresenta uma teoria crítica sobre os relacionamentos

amorosos, considerando influências socioculturais, principalmente no que tangem ao gênero, muitas vezes também recaía em biologizações⁶ heteronormativas.

Em “O ideal monogâmico”, Horney (1991[1927]) aborda como as questões inconscientes são condicionantes da opção pela monogamia, bem como do tipo de escolha de parceiros. Ela assevera que:

o que nos leva ao casamento é nada mais nada menos do que a expectativa de que encontraremos nele a satisfação de todos os antigos desejos surgidos na situação edipiana da infância – o desejo de ser uma esposa para o pai, de tê-lo como nossa posse exclusiva e de lhe dar filhos. De passagem, posso dizer que, sabendo disso, tendemos a ser extremamente céticos quando ouvimos profetizar que a instituição do casamento está para acabar, embora admitamos que a qualquer momento a estrutura da sociedade afetará a forma desses eternos desejos. Portanto, a situação inicial do casamento está vergada sob o imenso peso dos desejos inconscientes. (Horney, 1991 [1927], p. 82)

Concordando, portanto, com a psicologia do amor freudiana, Horney entende que o marido ou a esposa são objetos de amor situados entre a repetição e a transferência: continuam relações amorosas arcaicas. A maternidade e a paternidade reais são parte dessa repetição e na medida em que não realizam os ideais construídos a partir dos desejos infantis, levariam a problemas no casamento. Sempre haverá uma maior, ou menor, discrepância entre o objeto encontrado, a satisfação alcançada e os desejos sexuais inconscientes específicos (Horney, 1991[1927]). Estas colocações explicitam a concepção cindida e conflitiva do sujeito. Jamais seremos capazes de fazer uma escolha de objeto que não esteja comprometida com questões inconscientes e, por consequência, que seja livre de conflitos.

Ainda em relação aos problemas comuns encontrados em relações monogâmicas, Horney (1991[1932]) demonstra como nossos desejos contraditórios podem levar a imensas frustrações, como a decepção, a desconfiança e a hostilidade nos relacionamentos, apontando

⁶ Laplanche (1997), em suas investigações sobre obra freudiana, chama de desvio o elemento teórico que “é originário do recuo, quase obrigatório, e que não deve ser reprovado a Freud, diante das consequências da prioridade do outro, na constituição [...] do ser humano sexual.” (p. 13)

a negação dessas contradições internas como uma defesa à ameaça que elas constituem às nossas personalidades e às nossas vidas. Tais contradições, de acordo com Horney, aparecem de forma mais explícita no campo sexual, sendo lógico que se estendam aos relacionamentos, especialmente do tipo tão íntimo como o casamento. Dessa forma, torna-se comum a culpabilização do cônjuge por não conseguir cumprir as expectativas contraditórias de seu parceiro ou parceira. Há ainda as dificuldades resultantes de conflitos primitivos entre os sexos (gêneros), que, de acordo com a autora, persistem e interferem nos relacionamentos futuros. Como declaram Belo e Marzagão (2011): “Alguns traços dessas vivências iniciais [de amor primitivo] ficam marcados e afetarão o relacionamento posterior com o sexo oposto.” (p. 123).

Nota-se, no entanto, que, mesmo que Horney (1991[1927]) esteja atenta à dimensão cindida do sujeito, parece tomar o esquema narrativo edípico como uma realidade primária e marcadamente heteronormativa. Ela enfatiza que:

Embora o casamento represente a realização dos desejos infantis, estes podem ser satisfeitos desde que o desenvolvimento do sujeito lhe permita efetuar verdadeira identificação com o papel de pai ou da mãe. Sempre que a revelação do complexo de Édipo partir desta norma fictícia, encontraremos o mesmo fenômeno: a pessoa em questão tende em alguns pontos fundamentais ao papel da criança na tríade pai, mãe e filho. Quando é este o caso, os desejos que surgem desta atitude instintiva não podem ser satisfeitos diretamente pelo casamento. [...] Para a criança, o objeto de amor está indissoluvelmente associado à ideia de algo proibido; mas o amor pelo marido ou pela mulher não é só permitido; assoma por trás dele a portentosa ideia do dever conjugal. A rivalidade (situação em que há uma terceira parte magoada) está excluída pela própria natureza do casamento monogâmico; o monopólio é privilégio concedido por lei. (p. 87)

Considerar que os desejos infantis relacionados à posse de um dos progenitores podem ser satisfeitos, mesmo que diante de condições específicas, aparentemente denuncia uma posição horneyana acerca da presença de determinados roteiros inconscientes. Estes, por sua vez, poderiam limitar as respostas tradutivas dos sujeitos diante de alguns estímulos

pulsionais, como os que são inoculados na criança pelas primeiras relações com seus cuidadores. Poderíamos pensar, no entanto, que essas observações de Horney tem o mérito de explicitar algumas funções de apaziguamento que o contrato monogâmico possui, como a não rivalidade e a exclusividade.

Em “Os problemas no casamento” (1991[1932]) a autora faz algumas considerações a respeito da monogamia ser uma garantia contra os tormentos causados pelo ciúme, expondo que o ideal de fidelidade não é elementar, por não existir desde a infância, mas, sim, uma restrição pulsional. Neste mesmo artigo, Horney questiona o fato de a exigência monogâmica recair preponderantemente sobre as mulheres, descartando a afirmação frequente de que homens têm tendências poligâmicas mais fortes que as mesmas. Horney (1991[1927]) relembra as influências históricas e sociais - como a garantia da paternidade - da repressão da sexualidade feminina no desenvolvimento desta exigência de fidelidade por parte das mulheres.

Por outro lado, percebemos uma tendência da autora a aproximar-se das explicações biologizantes na tentativa de entender a suposta maior importância dada à relação sexual pelas mulheres a partir da possibilidade da gravidez (Horney, 1991[1932]). Colocando também que as mulheres permaneceriam, de maneira geral, mais vinculadas ao seu objeto de amor primitivo, no caso o pai, devido à não resolução do complexo de Édipo, tornando-se, portanto, mais fiéis que os homens.

Percebe-se que a autora, apesar de considerar não só os fatores inconscientes da escolha de parceiros amorosos, também dá destaque às influências culturais presentes nesta escolha e na construção de ideais que ela representa. No entanto, Horney em suas elaborações metapsicológicas acerca da monogamia, parece ater-se demasiadamente ao código edipiano, atribuindo novamente conteúdos às instâncias inconscientes, como veremos nesta seção.

No artigo já mencionado, “O ideal monogâmico” (1991[1927]), Horney sustenta que, na situação do casamento, o superego é ameaçado pelo retorno da antiga proibição de incesto, associada ao parceiro dessa vez, levando aos mesmos resultados da relação entre bebê e cuidador (a), ou seja, os objetivos sexuais diretos são substituídos por uma atitude de afeição em que estes alvos são inibidos, ou recalcados. Como mecanismos para tolerar-se a relação conjugal, apesar da proibição do incesto, no que diz respeito à instância do id, a autora aponta para as inibições sexuais, de todos os tipos, desde a reserva sexual até a impotência ou frigidez. E, quanto ao ego, discorre sobre as tentativas de reafirmação ou justificação, como a negação do casamento, quando, por exemplo, as mulheres casadas assinam seus nomes de solteiras, ou, por outro lado, quando há a supervalorização do amor conjugal. Percebemos que a autora, na tentativa de explicitar sua hipótese sobre a compulsão à repetição na escolha de parceiros amorosos em contratos monogâmicos, recorre à teoria do complexo edípico de maneira bastante generalista, aparentando, assim como Freud, crer na origem filogenética dessas fantasias ditas originárias (Horney, 1991[1927]). Isto parece ficar claro no trecho de “Os problemas no casamento” (1991[1932]):

Um dos *insights* básicos e provavelmente indiscutíveis que devemos a Freud diz que o amor e a paixão não aparecem pela primeira vez na puberdade, mas que a criancinha já é capaz de sentir, desejar e exigir apaixonadamente. Como seu espírito ainda não foi inibido e alquebrado, ela provavelmente é capaz de experimentar esses sentimentos em intensidade bastante diferente da que é possível para nós adultos. Se aceitarmos estes fatos e, além disso, a evidência de que nós, como qualquer animal, *estamos sujeitos à grande lei da atração heterossexual*, então o polêmico complexo de Édipo postulado por Freud, como fase do desenvolvimento pela qual todas as crianças passam, não nos parece tão estranho e peculiar. (pp. 122-123)

Percebe-se que, ao atribuir determinados comportamentos às fantasias originárias, Horney, assim como Freud, obscurece o papel da alteridade na constituição psíquica. Poderíamos, como alternativa a esta interpretação da compulsão à repetição através do

complexo de Édipo, considerar a identidade, como Lichtenstein propôs em seu livro *Identity and Sexuality* (1977), uma performance de automatismos estruturais. O autor recupera observações de importantes teóricos da área, como Greenacre, no desenvolvimento de suas formulações, aproximando a emergência da identidade do desenvolvimento das relações objetais. Lichtenstein, diferentemente de outros autores como Mahler, localiza tal emergência no estado de indiferenciação da unidade mãe-bebê e não nos processos de separação e individuação. De acordo com o autor, o surgimento de padrões sociais e culturais só é possível porque os seres humanos, diferente dos animais, devem definir suas próprias identidades, as quais são, por sua vez, reflexo de sua forma simbiótica originária. A mãe, durante os cuidados com a criança, implanta nela um *tema de identidade*⁷, o qual é irreversível, mas que é capaz de inúmeras variações. Poderíamos então supor a monogamia como um dos automatismos criados, a partir do tema de identidade e implantado durante a situação antropológica fundamental, com a função de recalçamento.

Uma vez que de acordo com o autor, o ser humano, com a evolução, perdeu os genuínos automatismos estruturais, ou instintos, faz-se necessária essa repetição de determinados comportamentos a fim de constituir uma identidade mais ou menos estável, no intuito de nos defendermos da angústia da impermanência, advinda da volatilidade da pulsão. De acordo com Lichtenstein:

A compulsão à repetição é uma manifestação da necessidade de manutenção do “tema da identidade”. A identidade, nos seres humanos, requer uma “ação repetitiva” para proteger o “imutável dentro da mudança” que acredito ser o aspecto fundamental da identidade humana. [...] A manutenção do tema da identidade parece ter prioridade sobre outros

⁷ Este *tema de identidade* vincula-se ao que o autor chamou de princípio da identidade, que seria um fenômeno biológico fundamental, mais básico do que o princípio de prazer, próximo de um princípio de realidade em sentido amplo, que funcionaria como o pré-requisito para o princípio de prazer. Tal conceito surge a partir da insuficiência teórica, denunciada pelo próprio autor, do conceito de pulsão de morte, introduzido por Freud em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*. A pulsão de morte, de acordo com Lichtenstein, foi elaborada devido a manifestações da mente humana que apontavam para algo que não podia ser explicado pelo princípio do prazer, mais precisamente, as compulsões a repetição.

princípios, inclusive o princípio do prazer. Eu acredito que Freud, em *Além do princípio do prazer*, estava consciente de que lidava com problemas de identidade (p.103). [nossa tradução]⁸.

Parece-nos que este tipo de interpretação auxilia a manter a sexualidade como uma alteridade interna, apoiada no corpo, mas não tendo suas origens fixadas no biológico. Percebemos, assim, a oscilação das proposições horneyanas acerca das origens e caminhos percorridos pela sexualidade. Digamos, de passagem, que Lichtenstein é outro autor um tanto esquecido na história da psicanálise, assim como Horney. Citá-lo, neste contexto, serve também para recuperá-lo naquilo que sua teoria traz de reconhecimento das origens alteritárias do sujeito. A interpretação que ele faz da compulsão à repetição articulando-a à identidade pode ser concatenada à teoria de Horney e também à de Laplanche na medida em que nos ajuda a perceber como questões originárias se apresentam em situações posteriores como a monogamia ou a identidade de gênero.

Em “O ideal monogâmico”, por exemplo. Horney (1991[1927]) analisa as exigências da monogamia, partindo da exigência de monopólio, à qual associa ao desejo infantil de monopolizar o pai ou a mãe, derivado da fase oral, na qual há o desejo de incorporar o objeto, tornando-se seu único possuidor. Horney, no entanto, ao tentar explicar o ciúme por esta via recai em um desvio heteronormativo ao supor que os homens possuem um ímpeto mais forte em direção a este desejo de incorporação por terem-no realizado parcialmente durante a amamentação, ao passo que as meninas não poderiam voltar-se a nenhuma experiência correspondente em relação ao pai. Ou seja, pelo fato de os meninos viverem a experiência de incorporar o leite, que vem do cuidador do *sexo oposto*, alcançando parcialmente o destino dessa pulsão, eles tenderiam a uma maior exigência de monopólio em relação a seu objeto

⁸ “*The repetition compulsion is a manifestation of the necessity of maintenance of the “theme of identity”. Identity, in man, requires a “repetitive doing” in order to safeguard the “sameness within change” which I believe to be a fundamental aspect of identity in man. [...] the maintenance of identity theme does indeed appear to have priority over any other principle, including the pleasure principle. I believe, moreover, that Freud, in Beyond th Pleasure Principle, was aware that he was dealing with problems of identity.*”

eleito, enquanto que as meninas, por não terem tido experiências semelhantes com o cuidador do sexo oposto, não teriam esta mesma tendência. Esta observação da autora deixa explícita sua concepção de uma feminilidade e uma masculinidade primárias, necessariamente heteronormativas. A autora, dessa forma, deixa de fora de sua análise as escolhas de objeto homoafetivas, que poderiam indicar outros caminhos interpretativos. Notamos que, apesar de, no mesmo artigo, Horney atentar para os aspectos sócio-históricos envolvidos nas identificações e escolhas objetais, ela se deixa levar por fortes tendências biologizantes que afetam sua teorização.

Em que pese nossa crítica ao possível desvio heteronormativo, salientamos que a teoria da autora guarda a potência de reconhecer a presença da sexualidade infantil na monogamia. De fato, faz sentido apontar para a importância da amamentação e das primeiras incorporações dos objetos primários como constitutivos da identidade de gênero e os tipos de relações amorosas que esta impõe.

No mesmo artigo, Horney (1991[1927]) associa a exigência de monogamia às pulsões sádico-anais, assegurando que o lugar da mulher como um bem móvel, demonstra a transformação da exigência de amor em exigência de posse. De acordo com a autora, tais exigências tomam este aspecto hegemônico por satisfazerem desejos inconscientes ao mesmo tempo em que contribuem para conquistas nos campos social e cultural:

esta formação de ideal permite ao ego restringir sua função crítica, que de outra maneira lhe ensinaria que esta reivindicação de monopólio permanente, embora compreensível como desejo, é difícil de se impor e também injustificável como exigência; e, não só isto, ela representa muito mais a satisfação de impulsos narcísicos e sádicos do que indício de desejo de amor verdadeiro. Segundo Rado, a formação deste ideal garante ao ego ‘segurança narcísica’, sob a qual ele está livre para dar vazão a todas estas pulsões que de outra maneira condenaria e, ao mesmo tempo, crescendo em sua estima por meio do sentimento de que a reivindicação que faz é ideal e justa. [...] Além disso, na medida em que a sociedade dá tanta importância à monogamia, ela tem interesse, do ponto de vista

da economia psíquica, em permitir a satisfação dos instintos elementares que fundamentam a exigência, para compensar a restrição que impõe. (p. 90-91)

Da mesma forma, a autora explicita o caráter necessariamente pulsional da monogamia ao atestar que:

os elementos de ódio encontram saída não só quando se infringe o princípio da monogamia, mas quando ele é obedecido também, e podem vazar de várias maneiras; que os sentimentos de ódio podem ser dirigidos ao parceiro de uma forma ou de outra; e que, de ambos os lados, agem solapando a base em que se apóia a vida de casado – a ternura entre marido e mulher. (p. 94)

A autora deixa clara, dessa forma, a contribuição clínica de suas análises, que buscam enfraquecer o ideal da monogamia, a partir da compreensão da inevitabilidade dos conflitos existentes quando um casal se forma, ou em qualquer outro tipo de relacionamento entre sujeitos, bem como da dimensão defensiva que um contrato como este denuncia. Em que pese a escolha permanente de tratar o casal alvo de suas análises como um casal heterossexual, é fácil depreender que em quaisquer outros arranjos amorosos, os conflitos apontados pela autora, oriundos da sexualidade infantil, estarão presentes.

Ainda no movimento de desconstrução de ideais mantidos socialmente, Horney (1991[1934]), em “A supervalorização do amor”, apresenta um questionamento que parece ainda muito atual acerca do ideal patriarcal de feminilidade, sendo inclusive reproduzido no discurso de analistas como aponta Ayouch (2014), no qual se assevera que o único desejo da mulher é amar e ser amada por um homem, servi-lo e admirá-lo. A autora denuncia posturas que naturalizam este lugar de objeto sexual em que a mulher é colocada, afirmando que as interpretações neste sentido ignoram que “os fatores biológicos jamais se manifestam de forma pura e franca, mas sempre modificados pela tradição e o ambiente” (Horney, 1991[1934], p. 181). Como veremos na próxima seção, poderíamos dar mais um passo nesta elaboração crítica ao situarmos neste ambiente ao qual Horney se refere, a sedução da criança pelo adulto (Laplanche, 1993[1992]), momento no qual a pulsão é implantada ou intrometida

na criança através de mensagens enigmáticas vindas do inconsciente do cuidador. Poderíamos dizer que o cuidado prestado pelos adultos às meninas está impregnado destas mensagens, bem como de traduções possíveis a tais mensagens, tal como o ideal de feminilidade supracitado.

Horney (1991[1932]) aponta que os problemas que podem surgir em um relacionamento como o casamento tem origem muito mais profunda do que meras desavenças ou discordâncias entre parceiros, sendo os mesmos frutos de conflitos não resolvidos durante nosso próprio desenvolvimento. A autora aponta ainda que tais conflitos são, muitas vezes, inevitáveis, mas que suas consequências podem ser superadas ou atenuadas, sendo o ponto ótimo de um relacionamento o equilíbrio entre concessões e privações (Horney, 1991[1932]). Neste sentido, Horney enfatiza a necessidade de avaliar o padrão absoluto da monogamia, uma vez que nem todos serão capazes de adaptarem-se às restrições e liberdades que este tipo de relacionamento impõe.

Teríamos que renunciar aos direitos a formas diferentes de busca e encontrar satisfação de outros impulsos existentes dentro de nós mesmos que o parceiro deixa insatisfeitos. Em outras palavras, é preciso rever seriamente o padrão absoluto da monogamia, examinando-lhe, sem preconceitos, origem, valores e perigos. (Horney, 1991[1932], p. 129)

Dessa forma, é possível perceber que a monogamia, enquanto arranjo, funciona como obstáculo para a satisfação imediata da pulsão e é utilizada pelos sujeitos de forma essencialmente singular, devendo ser transcendida tanto em sua dimensão sociológica, quanto psicológica. Assim sendo, o campo da interpretação, inclusive a interpretação dos fenômenos sociais, deve ser ampliado, levando-se em consideração o caráter disruptivo, demoníaco e típico da pulsão sexual de morte, da mesma forma que as saídas defensivas dos sujeitos para essa pulsão.

APROXIMAÇÕES ENTRE HORNEY E A TSG

Como colocado na introdução deste trabalho, ao tentarmos aprofundar nossos conhecimentos a respeito das relações amorosas, como se configuram e quais as causas e consequências que as rodeiam, é imprescindível que se faça, também, uma elaboração acerca das questões identificatórias e de gênero, que invariavelmente afetam nossas formas de nos relacionarmos.

Laplanche (2015[2003]) traz questionamentos interessantes a respeito da atual tendência de substituir o termo “identidade sexual” por “identidade de gênero”. O autor questiona se essa mudança não estaria a serviço do recalque do que ele optou por chamar de sexual (atendo-se à grafia em alemão para designar o sexual ampliado ao qual Freud se referia). O autor, no entanto, opta por manter o conceito de gênero na psicanálise, uma vez que, de acordo com suas observações, este conceito já estava presente em Freud, nas entrelinhas. Para a finalidade deste artigo, cabe a exposição de sua teorização a respeito dos conceitos de gênero, sexo e sexual, a fim de que se torne ainda mais claro o quão comprometidas nossas escolhas amorosas estão com o inconsciente.

De acordo com o autor, e diferente da maior parte das teorias sobre gênero, inclusive as feministas, “o gênero precede o sexo. Mas, ao invés de organizá-lo, é organizado por ele.” (p.168, 2015[2003]). Neste mesmo artigo, Laplanche sustenta que as mensagens de designação do gênero, advindas do *socius* que circunda a criança - pais, irmãos, avós, etc.- são comprometidas pelos “ruídos” (p. 168) causados pelo inconsciente dos adultos. Ou seja, além da comunicação veiculada através dos cuidados corporais, há o código social ao qual todos estamos submetidos, devido à nossa situação antropológica fundamental (Laplanche, 2015[2003]).

Desta forma, a designação de gênero chega à criança, muito precocemente, de maneira enigmática, cabendo ao sexo traduzir, fixar o gênero durante, aproximadamente, o segundo ano da criança. Seria, então, a diferença anatômica de sexo o destino, concordando

com Freud. Laplanche ressalta, no entanto, que essa anatomia não corresponde à biologia, é antes a anatomia “popular” que se configura como destino pulsional. Esta observação se torna extremamente importante devido à consequência imediata de que, no ser humano, devido à sua condição bípede, a percepção dos órgãos genitais é, na verdade, a percepção de *um* órgão genital, o masculino, sobre o qual é estruturada toda uma linguagem. De acordo com Laplanche (2015[2003]):

A diferença anatômica perceptiva é uma linguagem, um código? Certamente não é um código completo, mas, no mínimo, é o que estrutura um código, um código dos mais rígidos, estruturado justamente pela lei do terceiro excluído, pela presença/ausência. É antes o esqueleto de um código, mas de um código lógico, que eu tenho designado, há muito tempo, como ‘lógica fálica’.⁹ (p. 171).

A partir dessa leitura de Laplanche, é possível ver na anatomia um código a ser interpretado e não um destino biológico preciso, imutável. Amplia-se, dessa forma, o campo das simbolizações possíveis a estas mensagens designatórias. Ao questionar a lógica fálica, a lógica do terceiro excluído, Laplanche (2015[2003]) visa flexibilizar os modelos de simbolização, explicitando-os como ambivalentes e múltiplos.

Da mesma forma, Horney, aparentemente, entende que gênero e identidade não são colados, não correspondem, mas vacila em alguns pontos a este respeito. Ao apresentar apenas exemplos em que identidade e gênero correspondem, deixando de lado, por exemplo, as escolhas homoafetivas, dando a entender que os problemas do amor são problemas da questão heterossexual e preterindo, mais uma vez a ideia de código, a favor da concepção da “grande força de atração heterossexual”. A este respeito, Laplanche (2015[2003]) reforça que a gênese do gênero é independente da gênese da escolha de objeto, lembrando a fórmula freudiana da homossexualidade, a partir do caso de Leonardo da Vinci. Ele enuncia:

⁹ Laplanche (1988[1973-4]) utiliza o termo “lógica” a fim de explicitar o caráter polarizado, representado por pares de opostos, de cada fase do desenvolvimento sexual proposto por Freud. A fase em questão caracteriza-se pela oposição fálico-castrado.

“Leonardo – ama – um menino à imagem de Leonardo criança. Leonardo, no entanto, não é identificado ao gênero da mãe, mesmo tomando seu lugar.” (p. 177).

Horney (1991[1927]), em alguns momentos, mostra que está atenta para o fato de existirem interpretações que visam recalcar, ao invés de explicitar o caráter mortífero e polimorfo da pulsão, ao explicar a supervalorização do amor conjugal através do empenho das pessoas em se responsabilizarem pelas exigências psíquicas do casamento como uma “necessidade de síntese com a qual estamos acostumados no ego e à qual podemos atribuir a falsificação dos fatos com o intuito de demonstrar atitude ingênua em relação tão importante na vida” (p. 85). A autora afirma que, na verdade, o voto de fidelidade matrimonial é uma repetição dos votos inconscientes realizados na primeira infância para os pais, enquanto primeiros objetos de amor. Da mesma forma, explicitando as múltiplas formas tradutivas, Horney (1991[1937]), questiona a generalidade do Édipo, situando-o como uma resposta à “influência de pais neuróticos” (p. 255), o que estaria de acordo com a proposição laplancheana de uma “história traduzida em Édipo” (Laplanche, 2006, p. 286). Em outras palavras, conceber o Édipo como esquema narrativo, e não como um código, parece corresponder melhor aos fenômenos que percebemos na clínica, às variáveis mais ou menos complexas e elaboradas que os analisandos apresentam diante das experiências infantis com os cuidadores.

Percebemos, assim, um movimento duplo da autora que, ao mesmo tempo em que reconhece o caráter intrinsecamente conflitivo do inconsciente, como quando reconhece que

Quanto maior a compreensão da inevitabilidade desses e de outros conflitos em qualquer casamento, mais profunda será a convicção de que nossa atitude quanto a essas impressões pessoais não comprovadas [de que a única saída para o conflito matrimonial é o divórcio] deva ser de total reserva, e maior será nossa capacidade de controlá-las. (p. 95)

Também assume o Édipo como fundo onipresente de todos os relacionamentos amorosos, acreditando que ao tornar o casamento mais flexível os conflitos seriam neutralizados. “O casamento pode ter um prognóstico infeliz desde o início se não escolhermos o parceiro ‘certo’.” (Horney, 1991[1932], p. 119). Assim ela pressupõe que pode-se ter um casamento mais feliz, menos conflituoso se encontra-se o parceiro certo, ou seja, aquele que não supre apenas uma necessidade isolada do sujeito.

Existe, sim, uma teoria do amor, que sustenta a construção de arranjos amorosos, escolhas de parceiros que podem ser mais ou menos conflituosas, tratada pela psicanálise, mas insistimos com Laplanche, e talvez com a Horney de 1927 e de 1934, que não há, no entanto, qualquer arranjo que seja capaz de fazer uma neutralização do sexual, por mais “certo” que seja o parceiro. Entendemos que o resultado esperado da análise, neste âmbito, seja a escolha de parceiros que produzam menos situações mortíferas para o sujeito, como nas fantasias infantis de posições demasiadamente masoquistas e de muito sofrimento.

Demonstrando suas percepções vanguardistas, ainda no artigo de 1927, Horney exemplifica, em relação às mulheres, uma dificuldade que podem levar ao casamento, que seria a frigidez, ou a incapacidade de entregar-se a um homem. A autora interpreta tal sintoma como resultante da rejeição de um homem ou do sexo masculino em geral. Podendo expressar-se no afastamento do parceiro através de seu “ciúme, exigências, cansaço e rabugices.” (p. 125). De acordo com Horney, a angústia advinda da assunção do papel feminino, no sentido da passividade, pode provocar desvios no sentido de uma fuga para a masculinidade ou mesmo na fixação por um filho, deixando o relacionamento conjugal de lado. Horney deixa implícito, portanto, que sexo e gênero não correspondem naturalmente. O desconforto na assunção do papel feminino e a fuga para a masculinidade demonstram exatamente isso.

Percebemos que existe uma psicologia do amor em Karen Horney que paga muitos tributos ao esquema narrativo edípico, mas não o questionando como arranjo recalcante do pulsional. Os textos da autora com frequência tratam o Édipo heterossexual como a fonte do conflito psíquico. A sexualidade infantil, o pulsional, o inconsciente mais disruptivo avesso às reduções codificadas, não aparecem. Parece-nos que insistir muito nestes esquemas não só reforça que eles são a norma, que são “naturais”, como também impede que compreendamos que as múltiplas defesas produzem múltiplas possibilidades de amar e de ser amado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de recuperar uma autora esquecida ao longo da história da psicanálise tem resultados epistemológicos e políticos importantes. Pensar na história da psicanálise como um todo como a história de uma exigência de reconhecimento do inconsciente como alteridade irreduzível, permite ler a promoção ou o apagamento de autoras e autores como movimentos que aproximam ou distanciam a teoria de sua exigência fundamental.

O inconsciente como alteridade sexual, irreduzível a qualquer tradução consciente, o que faz o eu ser descentrado de seu lugar soberano. Fazer trabalhar esta exigência epistemológica é um dos elementos da revolução copernicana inacabada (Laplanche, 1992). Inacabável também, podemos dizer, pois, como vimos no caso desse tipo de exumação teórica feita com a obra de Horney, outras portas se abrem, outras suspeitas. Além de deixar claro que o próprio corpo examinado traz elementos contrários à exigência buscada.

Importante destacar que essa tarefa histórico-epistemológica também rende frutos políticos e clínicos importantes. No caso do exame da monogamia em Horney, podem-se ver críticas feministas importantes que nos ajudam a desconstruir os arranjos heteronormativos como sendo naturais e imutáveis. Tal desconstrução instrumenta a/o analista a ver relações amorosas tais como Laplanche nos convida: como resultados de traduções do sexual.

Traduções que se valem de códigos e narrativas estáveis e estabilizadoras da subjetividade. Reconhecer a natureza contingencial destes arranjos é pré-condição para buscar novas traduções, menos comprometidas com os aspectos infantis e mortíferos de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Appignanesi, L.; Forrester, J. 2010. A questão da feminilidade. In: *As mulheres de Freud*. Rio de Janeiro, Record, pp. 573-678.

Ayouch, T. 2014. Sex Difference in Psychoanalytical Theory: Aporiae and Deconstructions. In: *Revista brasileira de psicanálise*, 48 (4), pp.58-72.

Belo, F.R.; Marzagão, L.R. 2011. Sobre o amor. In: *Sobre o amor e outros ensaios de psicanálise e pragmatismo*. Belo Horizonte, MG, Oficina de arte & prosa. (Trabalho original publicado em 2006).

Horney, K. 1991[1933]. A negação da vagina. In: *Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp. 145 – 158.

Horney, K. 1991[1926]. A fuga da feminilidade. In: *Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp.51 – 66.

Horney, K. 1991[1927]. O ideal monogâmico. In: *Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp. 81 – 96.

Horney, K. 1991[1932]. Os problemas no casamento. In: *Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp.117 – 129.

Kurzweill, E. 2000. A receptividade a Freud nos Estados Unidos. In: *Freud – Conflito e Cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp.116 – 126.

Laplanche, J. 1997[1991]. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laplanche, J. 2015[2003]. O gênero, o sexo e o Sexual. In: *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Trad. Vanise Dresch e Marcelo Marques. Porto Alegre, Dublinense, pp. 154 – 189.

Laplanche, J. 2015[2006]. Castração e Édipo como códigos e esquemas narrativos. In: *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Trad. Vanise Dresch e Marcelo Marques. Porto Alegre, Dublinense, pp. 281 - 287.

Laplanche, J. 1988[1973-4]. Castração: seus precursores e seu destino. In: *Problemáticas II: Castração/Simbolizações*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, pp. 1 - 148.

Laplanche, J. 1992. *La revolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier.

Lichtenstein, H. 1977. *Identity and Sexuality*. Nova iorque:

Jason Aronson. Reyes, V.O. 2002. Karen Horney, pionera de la ruptura con el modelo freudiano para explicar la psicología femenina y el desarrollo humano sano y neurótico. In: *Apuntes de Psicología*; 2002, Vol. 20, no. 2, pp. 307-322

Roudinesco, E & Plon, M. 1998. *Dicionário da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar

Silva, D. Q., & Folberg, M. N. 2008. De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de Psicanálise*, (31), 50-59. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 23 de maio de 2016.

Valdivia, O. B. 1997. Psicanálise e Feminilidade: Algumas Considerações. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1997, Vol. 17, no. 3, pp. 20-27.

Capítulo IV

Considerações Finais

Considerando os objetivos propostos, de questionar o lugar da monogamia na teoria psicanalítica, quais eram seus pressupostos e consequências clínicas e políticas para o desenvolvimento das elaborações sobre os relacionamentos amorosos, pode-se afirmar que desenvolver a pesquisa em duas etapas contribuiu para o aprofundamento da crítica sobre o tema estudado. As questões levantadas no primeiro artigo evidenciaram alguns desvios teóricos, como a desvinculação entre escolha objetal e identificação, que podem ter contribuído para o posterior desenvolvimento da teoria no sentido de fundir identificação de gênero e escolha de objeto, limitando as saídas do sujeito às opções heterossexuais de relacionamento, como pudemos ver no segundo artigo.

Explicitar os desvios presentes nas teorizações sobre a monogamia, desde Freud e com seu posterior desenrolar na obra de Horney, nos ajuda a perceber que as teorias não estão isentas das forças inconscientes que visam, muitas vezes, recalcar determinadas vias de tradução e interpretação de fenômenos que são sentidos como demasiado angustiantes por seu caráter disruptivo, comprovando a afirmação de Laplanche de que a “teoreticogênese [...] tem tendência a reproduzir a ontogênese” (Laplanche, 1993, p. 12).

A escolha das obras de Freud e Horney, um autor consagrado e uma autora esquecida, contribuiu para que ficasse claro como a exigência do inconsciente como alteridade irreduzível se faz presente tanto nas diferenças de enfoque que um mesmo tema pode ter dentro de um campo investigativo, como também na construção do história da psicanálise como um todo.

Mantermo-nos fiéis a esta exigência implica no comprometimento de sustentar a origem alteritária do inconsciente, bem como sua inapreensibilidade. Seria privilegiar as interpretações que consideram as contingências culturais e do *socius* em relação àquelas

biologizantes, a fim de ampliar as possibilidades de escolha do sujeito, seja em relação ao objeto ou ao formato de relacionamento.

Dessa forma, ao desconstruir o lugar naturalizado da monogamia buscamos fazer uma contribuição não só teórica, mas também clínica e política, instrumentando analistas em uma escuta mais atenta às contingências históricas do sujeito, entendendo as escolhas amorosas como arranjos pulsionais, mais ou menos flexíveis, e buscando novas traduções singulares e menos mortíferas para cada um.

Referências bibliográficas

Aguiar, F. 2006. Questões Epistemológicas E Metodológicas Em Psicanálise. *In: Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 39(70): 105-131.

Ferreira, A.B.H. 2004. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª edição. São Paulo, Positivo.

Horney, K. 1991[1926]. A fuga da feminilidade. *In: Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp.51 – 66.

Horney, K. 1991[1927]. O ideal monogâmico. *In: Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp. 81 – 96.

Horney, K. 1991[1932]. Os problemas no casamento. *In: Psicologia Feminina*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp.117 – 129.

Laplanche, J. 1978. *Interpretar [con] Freud*. (Jorge Alberto Zarza, trad.). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1968).

Laplanche, J. 1985. Introdução. *In Vida e morte em psicanálise*. (Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago, trad., pp. 9 – 15). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. 1992a. *La revolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier

Laplanche, J. 1992b. *Problemáticas IV: O inconsciente e o id*. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. 1993. *Problemáticas V: A tina: a transcendência da transferência*. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. 1997. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. (Lucy Magalhães, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.